

# *Le Musée*

REVISTA DO MUSEU DOS CAPUCHINHOS

## *mulheres e arte*

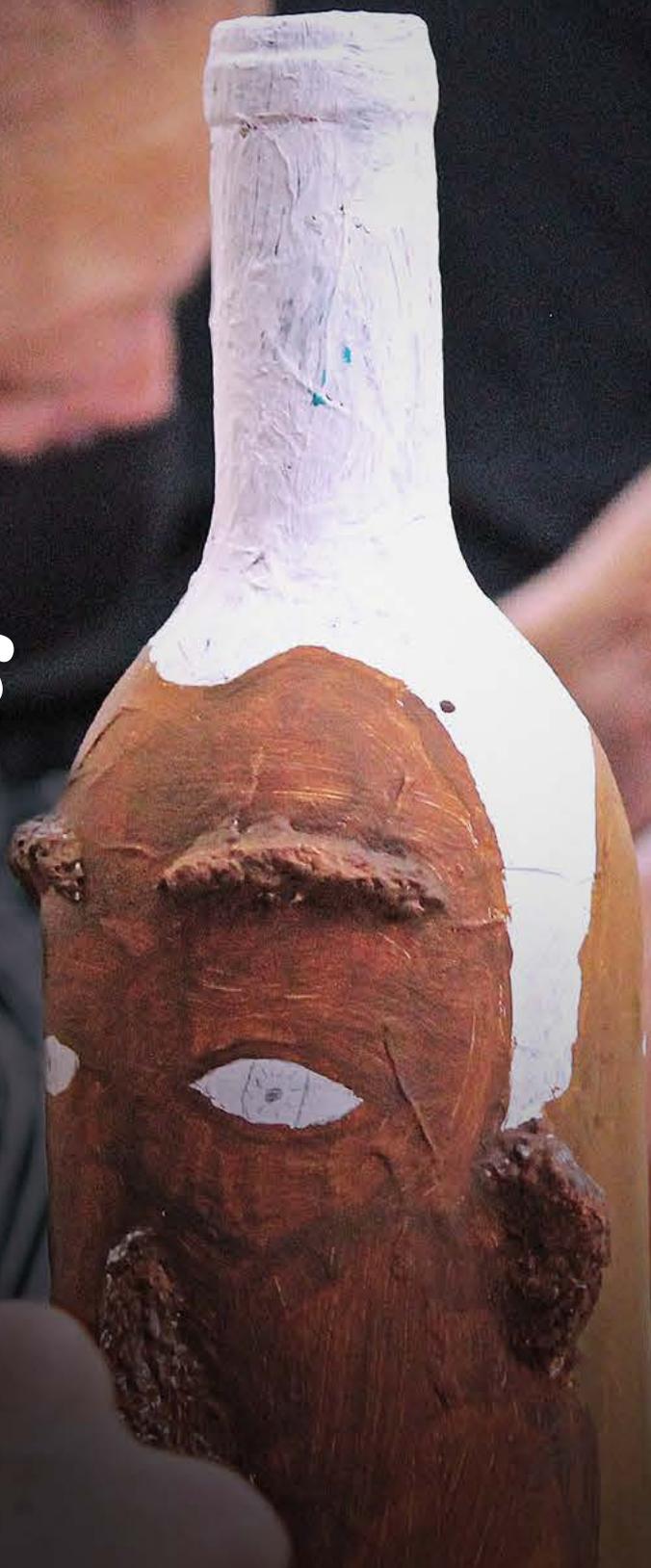
um projeto para  
o bem comum

## *topônimos latinos*

um glossário latino-português  
de nomes de lugar

## *capuchinhos e história indígena*

as interações entre indígenas, imigrantes  
e frades durante a colonização italiana



## EXPEDIENTE

### ***Le Musée***

Revista Anual do Museu dos Capuchinhos do Rio Grande do Sul

Ano 7 – Nº 7 – Dezembro de 2021

**Editor:** Moacir P. Molon – MTb 3781

**Textos:** Susiele Alves Ramos

**Supervisão e colaboração:** Frei Celso Bordignon, Raquel Brambilla e Susiele Alves Ramos

**Capa:** Imagem do projeto vencedor do 10º Prêmio Ibermuseus de Educação.

**Diagramação:** Gabriel Radaelli

**Impressão e acabamento:** Editora São Miguel

**Tiragem:** 500 exemplares

*É proibida a reprodução total ou parcial do conteúdo sem autorização prévia dos editores.*

### ***Museu dos Capuchinhos***

**Diretor:** Celso Bordignon

**Coordenação:** Raquel Brambilla (Museóloga COREM 3R 0188-1)

Rua General Mallet, 33A – B. Rio Branco  
Caxias do Sul/RS - CEP: 98097-000

Telefone: (54) 3220-9565

[www.capuchinhos.org.br/muscap](http://www.capuchinhos.org.br/muscap)

[coordenacao@muscap.org.br](mailto:coordenacao@muscap.org.br)

[lemusee@muscap.org.br](mailto:lemusee@muscap.org.br)

[Facebook.com/museucapuchinhos](https://www.facebook.com/museucapuchinhos)

Instagram: @muscaprs

WhatsApp: (54) 99681 7733

### ***Província Sagrado Coração de Jesus - Frades Capuchinhos do Rio Grande do Sul***

**Ministro Provincial:** Frei Nilmar Carlos Gatto

**Conselheiros Provinciais:** Freis Evaldo Valdir de Freitas, Claudelino Antônio Brustolin, Irineu Trentin e Volmir Luís Warken

Av. Alexandre Rizzo, 534C – Bairro: Desvio Rizzo

CEP: 95110-000 – Caxias do Sul/RS

Telefone: (54) 3220-3270

[ofmcaps@ascap.org.br](mailto:ofmcaps@ascap.org.br)

[www.capuchinhosrs.org.br](http://www.capuchinhosrs.org.br)

### ***Agradecimento especial aos apoiadores***

Atelier São Lucas, Banca Rio Branco, Décio Osmar Bombassaro, ESTEF, Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo – Scalabrinianas, Ivonne Assunta Cortelletti, Luiza Horn Iotti, Mari Joana Scherner, Maria Alberti Cesa e Vilma de Vargas Marini.

## EDITORIAL

# A VIDA E A MISSÃO DOS CAPUCHINHOS

A cada edição, a revista do Museu dos Capuchinhos torna-se instrumento revelador não apenas do próprio acervo e atividades, mas, também, torna públicas marcas menos conhecidas da história e da atuação da instituição que lhe dá razão de existir: a Província dos Capuchinhos do Rio Grande do Sul.

À *Le Musée* compete, agora, registrar para o diferenciado público das atividades museológicas, arquivísticas e afins o transcurso dos 125 anos de presença dos Capuchinhos no RS. E o faz não por um rol de datas, mas destacando elementos presentes no próprio acervo, como acontece em cada edição.

No histórico e conservação da Coleção Sala das Malas, por exemplo, revelam-se e perpetuam-se ângulos, formas e, acima de tudo, personagens da história capuchinha no Sul do Brasil. Afinal, a mala, para o capuchinho, é um sinal revelador de seu modo de ser peregrino. Aliás, é o próprio Francisco de Assis a lembrar, no seu Testamento, a condição de “forasteiros e peregrinos”.

O modo de ser dos capuchinhos que atuaram no Rio Grande do Sul também transparece no revelador artigo de Guilherme M. Brandalise sobre o projeto missionário entre os indígenas, ressaltando o respeito à sua cultura, a defesa de suas terras ancestrais e, depois, a catequese e a mensagem cristã. O autor destaca também a “mediação cultural realizada pelos capuchinhos entre indígenas e colonos italianos”. Como o leitor certamente sabe, esse tema é de contundente atualidade em nosso país.

Outra abordagem desta edição de *Le Musée* mostra o ângulo de envolvimento comunitário do MusCap, está na matéria sobre o Projeto “Mulheres e Arte: a trajetória do recriar”, buscando destacar a identidade e o potencial que têm como recicladoras, além de oferecer uma alternativa.

Por final, os leitores poderão ter uma visão da história e atividades do Museo Francescano de Roma, que preserva acervos da Ordem dos Capuchinhos na Itália, através de entrevista concedida pelo diretor frei Yohannes Teklemariam Bache, a quem agradecemos.

Moacir P. Molon / OFMCap  
Editor da *Le Musée*



# SUMÁRIO

## *artigos*

- 4 Glossário latino-português de nomes de lugar
- 16 “Lembre os leitores do La Libertà para não chamá-los de bugres”
- 30 Página de passaportes
- 34 Livros valiosos do século XVI

## *especial*

- 22 Mulheres e arte

## *entrevista*

- 26 Yohannes Teklemariam

## *ações*

- 37 Formação e gestão de coleções bibliográficas especiais
- 38 [Des]construindo traços
- 39 Projeto Jovem Aprendiz
- 40 Catálogo celebra os 20 anos do MusCap
- 41 Semana Nacional de Museus
- 42 Coleção Sala das Malas

# GLOSSÁRIO LATINO-PORTUGUÊS DE NOMES DE LUGAR

## UM DIÁLOGO NECESSÁRIO ENTRE LETRAS CLÁSSICAS E BIBLIOTECONOMIA DE OBRAS RARAS



### Fábio Frohwein de Salles Moniz

Graduado em Latim, Doutor em Literatura Brasileira pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e Doutorado em Letras Clássicas pela mesma instituição, onde atualmente é Professor Adjunto. Coordena o projeto de extensão Núcleo de Documentação em Línguas Clássicas junto à Fundação Biblioteca Nacional.

Com este glossário, objetivamos oferecer aos profissionais de Biblioteconomia alguns contributos para a recuperação de informações em obras raras. De acordo com o Plano Nacional de Recuperação de Obras Raras (PLANOR), existem os seguintes grupos de documentos impressos que podem ser classificados como obras raras:

- 1 Primeiras impressões (séc. XV – XVI);
- 2 Impressões dos séc. XVII e XVIII;
- 3 Impressões brasileiras do séc. XIX;
- 4 Edições clandestinas;
- 5 Edições de tiragens reduzidas;
- 6 Edições especiais (de luxo para bibliófilos);
- 7 Exemplares de coleções especiais (regra geral

com belas encadernações e ex-libris);  
8 Exemplares com anotações manuscritas de importância (incluindo dedicatórias);  
9 Obras esgotadas.<sup>1</sup>

O *corpus* empregado na elaboração deste glossário compõe-se de livros impressos na Europa entre os séc. XV e XVIII, o que se coaduna com os itens 1 e 2 da relação acima, isto é, com critérios cronológicos, a que se soma, obviamente, o fato de que essas obras foram escritas em latim, originariamente ou não. De forma mais específica, propomos um glossário latino-português de nomes de lugar para auxiliar o bibliotecário na identificação e padronização dessas palavras em catálogos de instituições custodiadoras de acervos especiais. Embora desconheçamos, no mundo lusófono, obras de referência em latim voltadas às necessidades do bibliotecário,<sup>2</sup> a ideia de auxiliar profissionais da Biblioteconomia na leitura e compreensão de informações escritas em língua latina vem dando margem, pelo menos desde o final da década de 1960, à elaboração de glossários latim-inglês (PEDDIE, 1968; GRASSE; BENEDICT; PLECHL, 1972; BINNS, 1977, 1979, 1989, 1990; MAXWELL, s.d.; HILLYARD, 2009).

Segundo o PLANOR, há atualmente cerca de 400 instituições brasileiras detentoras de acervos raros, muitos deles contendo itens biblioteconômicos em latim. Esses documentos não somente cobrem significativo período do conhecimento científico ocidental, bem como da história do Brasil, a exemplo de livros, leis, decretos etc., que registram, em latim, nossa memória. Mas os bibliotecários não dispõem, geralmente, do co-

nhecimento de latim para lidar com essa massa documental, devido à falta das línguas clássicas nos *currícula* do Ensino Básico e nos cursos de Biblioteconomia.

Os livros e documentos em latim refletem o padrão cultural de uma época em que esse idioma clássico era de utilização internacional nas ciências. Segundo Henrique de Sousa Leitão, “a principal razão que explica a longa sobrevivência do latim como língua-franca da ciência reside na natureza essencialmente supranacional da atividade científica” (LEITÃO, 2004, p. 20). No Brasil, em 1962, o então Conselho Federal de Educação, por meio de suas “Normas para o ensino médio nos termos da Lei 4024/61”, mais conhecida como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, assinada por João Goulart em 20 de dezembro de 1961, tornou o latim uma opção entre as disciplinas complementares no Ensino Básico,<sup>5</sup> abrindo caminho para que fosse retirado dos *currícula* de várias escolas brasileiras. Atualmente, o latim permanece, em geral, como disciplina integrante dos cursos de Letras de algumas universidades públicas. Em razão disso, a catalogação de obras raras em latim exige do bibliotecário o conhecimento de um idioma que não lhe é oferecido nas formações educacional e acadêmica regulares.

Por outro lado, verificam-se, no Brasil, a crescente demanda de pesquisas e publicações sobre Antiguidade, Medievo e Renascimento e o aumento significativo, nos últimos anos, de cursos, museus e laboratórios de história antiga e áreas afins, o que fez com que cursos especializados de Graduação e Pós-Graduação buscassem uma melhor estrutura para assessoramento, pesquisa e formação de pessoal especializado. Tal aumento da demanda traduziu-se pela constituição de uma considerável comunidade de pesquisa em nível de cursos de Graduação e Pós-Graduação. Somente no estado do Rio de Janeiro, efetuou-se a consolidação de mais de trinta centros de pesquisa cujo interesse se volta a Antiguidade, Medievo e Renascimento, muitos deles com publicações periódicas ininterruptas há décadas. Tais centros possuem enorme volume de atividades interdisciplinares (ciclos, jornadas, palestras, cursos de especialização, minicursos, etc.) que interagem com pesquisadores e estudantes de outras IES no Brasil e no exterior, apontando o potencial que o Brasil possui quanto ao estudo da Antiguidade, Medievo e Renascimento. Nas reuniões científicas de cada um desses centros, são anualmente apresentadas dezenas de comunicações, com os mais variados temas de pesquisa a um público cada vez mais expressivo.

Nesse contexto, um passo importante para a am-

pliação e consolidação dessas atividades é a realização de ações de parceria entre a universidade e as instituições detentoras de obras raras. A médio-longo prazo, essas ações poderão viabilizar o aprimoramento dos bibliotecários de acervos especiais no sentido de que lhes seja proporcionado maior conhecimento das especificidades das fontes de informação primárias e secundárias usadas por estudantes e especialistas em Antiguidade, Medievo e Renascimento. Creemos que esse é um caminho seguro e eficaz de aperfeiçoamento dos sistemas de recuperação de informações e de localização desse importante material de pesquisa. Nesse sentido, pretendemos, por meio deste glossário, contribuir com alguns recursos aos bibliotecários para a melhoria da catalogação de documentos em línguas clássicas e da qualidade da pesquisa documental no Brasil, auxiliando, ainda que indiretamente, os pesquisadores de acervos raros.

Cabe mencionarmos que este glossário se dobrou de nosso projeto de Extensão “Núcleo de Documentação em Línguas Clássicas” (NDLC)<sup>4</sup> que vem sendo realizado em parceria entre a Fundação Biblioteca Nacional (FBN) e a Faculdade de Letras da UFRJ. Por meio desse projeto, auxiliamos os bibliotecários a revisarem informações relativas a autor, título, impressor, local e data de impressão de obras raras em latim e grego, além de possibilitarmos, também, a tradução integral das páginas de rosto. Um dos problemas detectados em nosso trabalho com algumas bibliotecas foi a falta de padronização dos nomes latinos de lugar (comumente cidades), já inseridos em seus catálogos *on-line*, devido, na maioria das vezes, à variação de terminações que essas palavras podem apresentar, conforme explicaremos a seguir.

### *Nomes de lugar em latim*

O bibliotecário que já teve algum contato com obras raras em latim deve ter percebido que os nomes de lugar (também denominados de topônimos, em linguagem mais técnica) verificam-se, geralmente, latinizados e com variações ortográficas:

Ex. *Patavii*, *Patauii* (Pádua, Itália); *Ienae*, *Jenae*, *Ihenae* (Jena, Alemanha); *Lugdoni*, *Lugduni* (Lyon, França); *Manhemii*, *Mannhemii* (Mannheim, Alemanha) etc;

ou morfológicas, isto é, com terminações modificadas:

Ex. *Patavium*, *Patavii* (Pádua, Itália); *Jenaa*, *Jenae* (Jena, Alemanha); *Lugdunum*, *Lugduni* (Lyon, França); *Manhemium*, *Manhemi* (Mannheim, Alemanha) etc;

Nesta seção, tencionamos abordar esses fenômenos, apontando dois fatores: a gramática (funcionamento) da língua latina (GRIMAL, 1986; BASSOLS DE CLIMENT, 1992; ERNOUT; THOMAS, 1993) e a falta de uma uniformização gráfica do latim durante o Renascimento (IJSEWIJN, 1977; NUÑEZ GONZÁLEZ, 1991; HELANDER, 2001; RAMMINGER, 2014). Obviamente, não pretendemos esgotar o assunto neste breve texto introdutório, mas somente sensibilizar o bibliotecário para fenômenos relativos a topônimos latinos, recorrentes em sua documentação de trabalho.

O século de nascimento do livro impresso em tipos móveis coincide com o período das grandes descobertas geográficas. Se, na Idade Média, as cópias produzidas por um escriba destinavam-se à biblioteca de um mosteiro, de um aristocrata ou burguês local, no Renascimento italiano, os livros impressos pelos tipógrafos tinham um alcance mais abrangente.

## O moderno no antigo, o antigo no moderno

O acervo da FBN revela-nos que o saber foi transmitido em latim por considerável tempo no mundo moderno. Uma rápida consulta ao seu catálogo *on-line* de obras em língua latina retorna-nos, aproximadamente, 3.100 registros, relacionados a assuntos variados: teologia, astronomia, astrologia, cosmografia, literatura, gramática, filosofia, direito, matemática, cartografia, geografia, medicina, biologia, botânica, anatomia, arquitetura, agricultura, história, tratados militares, para ficarmos nas generalidades temáticas. Não menos diversificados são os locais, anos de impressão e tipologias desses itens, que vão desde bíblias do séc. XV, como a *Bíblia de Mogúncia* (1462), até uma litogravura impressa em *Lipsiae* (Leipzig, Alemanha), em meados do séc. XIX, trazendo por legenda: “*Cultura agavae americanae, in campis mexicanis prope S. Juan de Teotihuacan*” (cultivo de agave americana em terras mexicanas perto de San Juan de Teotihuacan [México], tradução nossa).

Certamente, palavras como *agava*, *americanus* e *mexicanus* não existiam no idioma dos antigos romanos. Aliás, palavras como essas constituem um obstáculo que o latim nas obras raras impõe mesmo a latinistas experimentados: uma parte significativa do vocabulário desses livros não é pesquisável em dicionários de latim clássico. Nesse sentido, seria muito conveniente que tivéssemos à disposição atualmente glossários de termos latinos empregados nas várias ciências modernas. Mas por que não se fez isso? Por que esses homens do passado não nos legaram esses glossários? Ou, antes, por que publicaram em latim e não em português, espanhol, inglês, francês, italiano, alemão?

O século de nascimento do livro impresso em tipos móveis coincide com o período das grandes descobertas geográficas. Alargavam-se, ao mesmo tempo, o trânsito pelo mundo e o conhecimento. Se, na Idade Média, as cópias produzidas por um escriba destinavam-se à biblioteca de um mosteiro, de um aristocrata ou burguês local, no Renascimento italiano, os livros impressos pelos tipógrafos tinham um alcance mais abrangente. Uma boa prova disso é como impressões do séc. XV se encontram mais disseminadas por bibliotecas de vários continentes, ao passo que manuscritos da mesma época se verificam mais concentrados em bibliotecas europeias.

Inserido num contexto de internacionalização, o livro impresso por tipos móveis surgiu sob a égide de um idioma comum, que continuou a ser utilizado e retransmitido nas regiões compreendidas pelo antigo Império Romano e que servia de eficaz meio de intercâmbio de ideias: o latim. De fato, o uso do latim em obras científicas impressas estende-se, na Idade Moderna, desde o séc. XV até pelo menos o XIX.

Na FBN, há aproximadamente 300 incunábulos, mas muito menos ainda códices manuscritos do séc. XV. Inserido num contexto de internacionalização, o livro impresso por tipos móveis surgiu sob a égide de um idioma comum, que continuou a ser utilizado e retransmitido nas regiões compreendidas pelo antigo Império Romano e que, assim, servia de eficaz meio de intercâmbio de ideias: o latim.

De fato, o uso do latim em obras científicas impressas estende-se, na Idade Moderna, desde o séc. XV até pelo menos o XIX. Ainda que nesse período se verifiquem o aumento significativo de publicações nas línguas vernaculares e a rápida diminuição de obras em latim, os livros escolares e científicos continuaram a ser impressos em língua latina por mais tempo do que imaginamos. À guisa de exemplo, a edição da Feira de Frankfurt realizada em 1680 trouxe a maioria dos livros em latim. Entre os livros publicados por Oxford de 1690 a 1710, 50% dos títulos estavam em latim, sem contar o fato de que, até o início do séc. XIX, era normal que dissertações acadêmicas fossem escritas em latim (RAMMINGER, 2014).

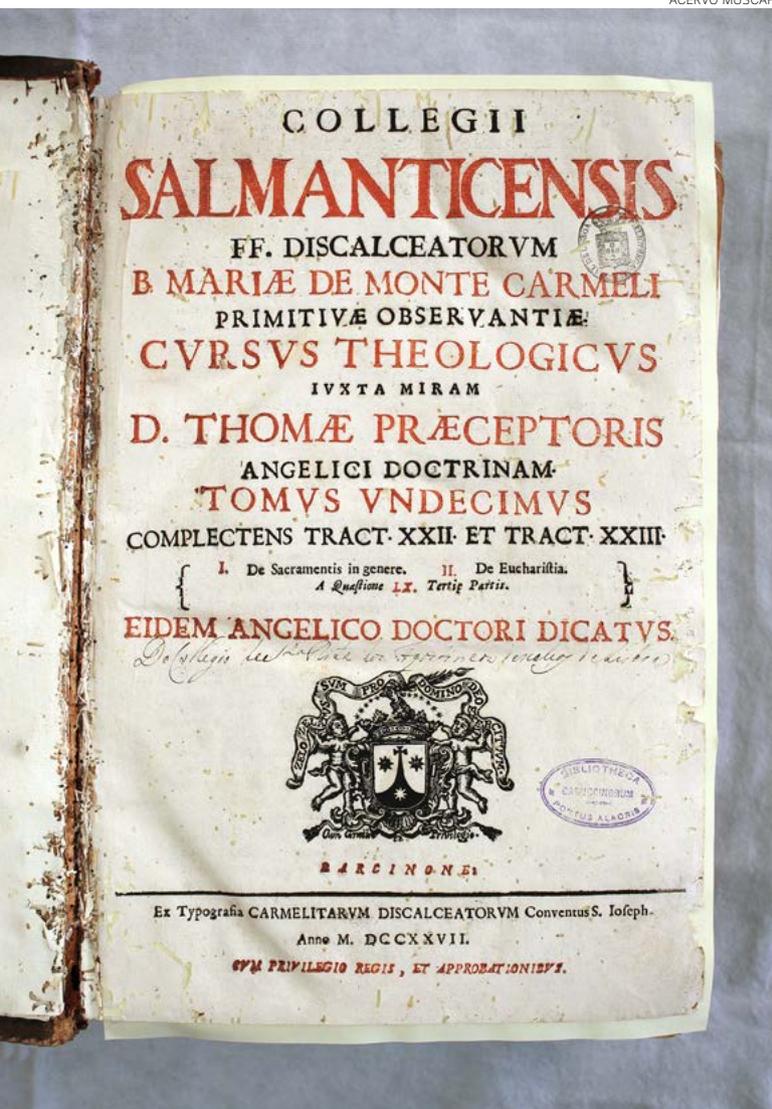
Somemos a isso o fato de que muitas obras escritas em línguas vernaculares eram traduzidas para o latim para atingirem um público maior (HELANDER, 2001; BURKER, 2009). É o caso de *Dialogo sopra i due massimi sistemi del mondo*, tratado de Galileu Galilei publicado primeiramente em italiano em 1632 mas que se tornou conhecido internacionalmente por meio da edição latina de 1635. Da mesma forma, a física de Descartes ganhou ampla divulgação graças à tradução latina de Jacques Rohault, que chegou a seis edições publicadas entre 1672 e 1739.

Jacob Burckhardt, primeiro grande historiador do Renascimento, fala-nos, de maneira pitoresca, da febre latina que assolou os nomes próprios:

*Também a pura e simples tradução de um nome para o latim ou grego (que, na Alemanha, tornou-se hábito quase generalizado) é perdoável a uma geração que falava e escrevia latim e que necessitava de nomes não apenas declináveis, como também apropriados à prosa e ao verso. Censurável e amiúde ridículo era, isso sim, a mudança parcial de um nome, tanto de batismo quanto de família, com o intuito de conferir-lhe tom clássico e novo significado.* (BURCKHARDT, 2009, p. 236-237)

Assim, as páginas de rosto das obras raras exibiam nomes como *Americus Vesputius*, *Carolus Linnaeus* e *Johannes Keplerus*, em lugar de Amerigo Vespucci, Carl von Linné e Johannes Kepler. Mas não só os nomes dos autores eram latinizados: os próprios impressores se rebatizaram em latim – ex. *Aldus Manutius* (Aldo Manuzio), *Christianus Wechelus* (Christian Wechel), *Christophorus Plantinus* (Christophe Plantin), *Christophorus Froschouerus* (Christoph Froschauer), *Johannes Baptista Bidellius* (Giovanni Battista Bidelli), *Antonius Maximilianus* (Anton Maximilian Heiss), *Erasmus Kempferius* (Erasmus Kempfer), *Isaacus Elsevinus* (Isaac Elsevin) –, entre outros profissionais da tipografia. Vinculados a esses nomes, figuram substantivos designativos de atividades artísticas e intelectuais ou de profissões tão antigas como *poeta* (poeta), *magister* (professor), *philosophus* (filósofo), *mathematicus* (matemático), *medicus* (médico) quanto muito recentes como *impressor* (impressor) e *typographus* (tipógrafo). Além das perso-

ACERVO MUSCAP



Página de rosto de exemplar impresso em Barcelona (Espanha)

nalidades envolvidas na produção do livro, até mesmo os nomes das cidades vinham expressos em latim – ex. *Bononia* (Bolonha), *Amstelodamus* (Amsterdã), *Conimbrica* (Coimbra), *Lugdunum* (Lyon), *Francofurtus* (Frankfurt). Em resumo, o latim, nas páginas de rosto das obras raras, renovou-se devido à confluência de antigas palavras, retomadas do léxico clássico, com neologismos, provenientes do vocabulário moderno das artes, ciências, técnicas e tipografia.

Em que pese a obsessão por se latinizarem nomes, Burckhardt refere um fator acima de modismos, intrínseco às leis de funcionamento do latim. Uma vez que a língua latina era veículo

de internacionalização do conhecimento, autores e impressores renascentistas precisavam de palavras declináveis.<sup>5</sup> Mas o que isso significa? Em latim, substantivos, adjetivos, pronomes, alguns numerais e formas nominais verbais declinam-se, isto é, apresentam terminações variadas que designam função sintática – ex. *Antuerpiā est oppidum*<sup>6</sup> (*Antuérpia* é uma<sup>7</sup> cidade, “Antuérpia” = sujeito) × *Christophorus Plantinus est typographus Antuerpiae* (Christophe Plantin é um tipógrafo *da Antuérpia*, “da Antuérpia” = adjunto adnominal). Como vemos, para ser sujeito ou adjunto adnominal, o topônimo ou qualquer substantivo latino deve ter uma terminação específica (-a × -ae). Portanto, o nome da cidade era latinizado também por uma necessidade gramatical, isto é, para que suas terminações assinalassem morfológicamente uma determinada função sintática no texto da página de rosto. O topônimo latinizado deixava, portanto, de seguir as regras gramaticais de sua língua de origem – português, italiano, francês, alemão, espanhol.

Por essa razão, o nome de uma mesma cidade pode apresentar terminações diferentes em imprensas, colofões ou explicitos de obras raras: ex. *typographus Antuerpiae* (tipógrafo de Antuérpia), *prope Antuerpiam* (perto de Antuérpia), *impressus in Antuerpia* (impresso em Antuérpia). Na terminologia tradicional da gramática latina, esse fenômeno recebe a designação de flexão de caso, uma peculiaridade morfológica dos substantivos latinos que, como apontamos, indica função sintática. Os idiomas modernos originários do latim – as línguas neolatinas (português, espanhol, italiano, francês) – não mantiveram a flexão de caso, mas guardam nos pronomes pessoais resquícios desse antigo sistema:

Ex.1 Eu vejo Aldo com Jean. (“eu” = sujeito)

Ex.2 Jean vê-me com Aldo. (“me” = objeto direto)

Ex.3 Aldo vê Jean comigo. (“comigo” = adjunto adverbial)

Como notamos, cada forma do pronome pessoal – “eu”, “me”, “comigo” – representa uma função sintática distinta – sujeito, objeto direto, adjunto adverbial. No entanto, essa característica circunscreve-se aos pronomes pessoais em nosso idioma – pronomes pessoais do caso reto e do caso oblíquo –, uma vez que os nomes em geral mantêm suas formas, independentemente da função sintática que exerçam na frase: a mesma forma “Jean” é adjunto adverbial no

Uma vez que a língua latina era veículo de internacionalização do conhecimento, autores e impressores renascentistas precisavam de palavras declináveis. Mas o que isso significa? Em latim, substantivos, adjetivos, pronomes, alguns numerais e formas nominais verbais declinam-se, isto é, apresentam terminações variadas que designam função sintática.

exemplo 1, sujeito no exemplo 2 e objeto direto no exemplo 3, o que não ocorre no latim:

Ex.1: *Ego video Aldum cum Johanne*. (Eu vejo Aldo com Jean). (“Johanne” = adjunto adverbial)

Ex.2: *Johannis videt me cum Aldo*. (Jean vê-me com Aldo). (“Johannis” = sujeito)

Ex.3: *Aldus videt Johannem mecum*. (Aldo vê Jean comigo). (“Johannem” = objeto direto)

A diferença entre as formas *Johanne*, *Johannis* e *Johannem*, como mostramos, consiste em terminações diferentes – 1) *-e* (adjunto adverbial), 2) *-is* (sujeito), 3) *-em* (objeto direto). Portanto, não basta mudarmos a ordem das palavras na frase latina para modificar suas funções sintáticas, como fazemos em português ou em qualquer outra língua neolatina. É necessário alterarmos morfológicamente a palavra. Por essa razão, os nomes em geral tinham de ser latinizados: para que oferecessem a possibilidade da flexão de caso, ou seja, para que fossem declináveis e se adequassem ao sistema gramatical latino. Caso

contrário, seria inviável a identificação da função da palavra nos títulos, incipits, impressas, explícits e colofões das obras raras impressas em latim.

Devido à flexão de caso, os substantivos latinos apresentam virtualmente possibilidades variadas de forma. Guardadas as devidas proporções, é o que ocorre com nossos topônimos: “Coreia”, por exemplo, oferece duas possibilidades de forma, uma para singular – “Coreia” – e uma para plural – “Coreias”. A morfologia dos substantivos latinos, por sua vez, é bem mais complexa, já que precisa dar conta não apenas de singular e plural, mas ainda de inúmeras funções sintáticas. A terminologia tradicional da gramática latina atribui uma designação especial para cada forma do substantivo, associada a uma ou mais funções sintáticas – nominativo (sujeito e predicativo do sujeito), acusativo (objeto direto etc.), ablativo (adjunto adverbial, agente da passiva etc.), dativo (objeto indireto etc.), genitivo (adjunto adnominal etc.) e vocativo (vocativo):

*Olyssippo est oppidum.*

(Lisboa é uma cidade).

Olyssippo = sujeito => caso nominativo (nom.)

*Antonius Isidorus est typographus Olyssipponis.*

(Antonio Isidoro é um tipógrafo de Lisboa).

Olyssipponis = adjunto adnominal => caso genitivo (gen.)

*Antonius Isidorus scit Olyssipponem.*

(Antonio Isidoro conhece Lisboa).

Olyssipponem = objeto direto => caso acusativo (acus.)

*Antonius Isidorus dicit de Olyssippone.*

(Antonio Isidoro fala sobre Lisboa).

Olyssippone = adjunto adverbial => caso ablativo (abl.)

*Antonius Isidorus tribuit magnitudinem Olyssipponi.*

(Antonio Isidoro atribui importância a Lisboa).

Olyssipponi = objeto indireto => caso dativo (dat.)

*Antonius Isidorus dicit: “Salve, Olyssippo!”.*

(Antonio Isidoro diz: “Olá, Lisboa!”).

Olyssippo = vocativo<sup>s</sup> => caso vocativo (voc.)



Página de rosto de exemplar impresso em Mechelen (Bélgica)

### *Grafia(s) do latim durante o Renascimento*

Durante a manutenção do Império Romano, e mesmo após sua queda em 476 d.C., o latim entrou em contato com falares locais que o matizaram com sonoridades diferenciadas (CORASSIN, 2001; BOWDER, 1989; BORNECQUE; MORNET, 1977; BAILY, 1992; LE GLAY, 1981; MENDES, 1988; MOMMSEN, 2004; PIGANIOL, 1939; ROSTOVZEFF, 1977). Com o passar dos séculos, o idioma dos antigos romanos transformou-se nas línguas atualmente faladas na Europa – francês, português, espanhol, italiano etc. Assim é que flagramos, em textos latinos de manuscritos medievais ou de incunábulos renascentistas, reflexos da língua falada. Inexoravelmente, a pronúncia latina dos homens do Medievo recebeu influxo de seus vernáculos.

Tratando-se da pronúncia latina para textos bíblicos e litúrgicos, o italiano sempre foi uma referência no Ocidente. Sediado no Vaticano, o Cristianismo ocidental tem por língua internacional o latim com sotaque italiano. Quem frequenta missas com canto gregoriano está habituado a ouvir sacerdotes pronunciarem *ecce agnus dei* (eis o cordeiro de Deus) [*etche ãnhus dei*]<sup>9</sup> e não [*eke agnus dei*], como um professor de latim clássico leria. Para usarmos

termos técnicos, o “c” antes de “e” e “i”, em italiano, representa uma fricativa palatal, som análogo ao chido fluminense do “t” antes de “i” – ex. tia [tchia], fatia [fatchia]. Essa tendência de se palatalizar o “t” seguido de “i” não é exclusiva de algumas regiões do Brasil – o fenômeno já ocorria na Idade Média, em lugares da Europa, amplamente documentado em manuscritos. Não é à toa que verificamos em obras raras palavras com “ti” escritas com “ci”, já que ambas as grafias representariam o mesmo som [tchi]: *amicíciarum* em lugar de *amicítiarum* (das amizades); *adulaçio* em lugar de *adulatio* (adulação); ou “e” em lugar de “ae”: *divine historie* em lugar de *divinae historiae* (da história sagrada).<sup>10</sup>

Com o tempo, as novas gerações de impressores, por influência de humanistas renascentistas, purgariam, nos pós-incunábulos, os textos latinos dessas marcas de oralidade em nome de um ideal de pureza linguística. Nesse sentido, Aldo Manúcio (1449/50 - 1515) foi inovador, por reunir numa academia os homens mais sábios de seu tempo, entre os quais Pietro Bembo e Erasmo de Roterdã – todos a serviço da qualidade do texto (MANUZIO, 1561, p. 5.). Surgia, assim, a figura do *curans* (do latim *curare*, cuidar), aquele que cuidava e zelava para que a impressão fosse fiel ao texto que se julgava ter escrito o autor. A atividade tipográfica passava a absorver, então, contributos de polêmicas filológicas que já vinham sendo travadas

entre importantes humanistas italianos, a exemplo de Leonardo Bruni (1370-1444), Flavio Biondo (1392-1463), Poggio Bracciolini (1380-1459), Lorenzo Valla (1407-1457) entre outros, e sobre a forma correta de se grafarem as palavras latinas. Em variados países da Europa, eruditos produziram livros sobre a *ortographiae ratio* (sistema ortográfico) do latim.

Veremos, por exemplo, as variantes gráficas apontadas anteriormente (*ae > e, ti > ci*) devidamente corrigidas. Acerca de *aerumna* (sofrimento), o neto de Aldo Manúcio dirá em sua *Orthographiae ratio* (1561) “*cum ae, a graeco αἴρεν. Festus*” (MANUZIO, 1561, p. 48), *i.e.*, “com *ae*, do grego αἴρεν. Festo”, preocupando-se não apenas em ensinar a correta grafia da palavra bem como em citar suas fontes de informação, no caso, o gramático Festo. Com relação ao fenômeno *ti > ci*, há outra passagem que nos é bastante oportuna: “*Titius, cum t. Lapidēs. Vide patricius*” (“*Titius*, com ‘t’. Lápides. Confirma *patricius*”. Somos remetidos, então, ao verbete “*Patricius, cum c. Libri, graeca consuetudo et lapides*” (MANUZIO, 1561, p. 37), *i.e.*, “*Patricius*, com ‘c’. Livros, costume grego e lápides. Aqui, o autor recorre a inscrições epigráficas em lápides e ao uso dos autores gregos. Explicando melhor: assim como *Titius* (Tício, nome de família romana) deve se escrever com “t” e não com “c”, *patricius* (patrício) escreve-se com “c” e não com “t”. Trata-se, portanto, da variante de grafias “ti” e “ci” abordada anteriormente.

Herdeiros de um latim considerado “impuro”, legado pela Idade Média, os humanistas renascentistas idealizaram a restauração da língua dos antigos romanos e recuperação de seu esplendor. Restaria examinarmos se, de fato, os autores dessas *ortographiae rationes* lograram êxito em seu objetivo de planificar a grafia da língua latina. Mas as páginas de rosto das obras raras, logo de saída, mostram-nos que não houve uma completa uniformização gráfica do latim, enquanto foi utilizado como língua franca do conhecimento, ainda mais em se tratando de palavras contendo as letras “i”, “j”, “u” e “v”. Por vezes, vemos grafias diferentes para os mesmos substantivos – ex. *Patavii*, *Patauui* (Pádua, Itália); *Ienae*, *Jenae*, *Ihenae* (Jena, Alemanha); *Lugdōni*, *Lugdūni* (Lyon, França); *Manhemii*, *Mannhemii* (Mannheim, Alemanha) etc.

Como vemos, a grafia latina esteve longe de atingir uniformidade no Renascimento. A falta de padronização gráfica devia-se, em parte, ao estado de transformação por que passava o conhecimento acerca da língua latina, como podemos constatar graças ao acúmulo gradativo de informações sobre

Tratando-se da pronúncia latina para textos bíblicos e litúrgicos, o italiano sempre foi uma referência no Ocidente. Sediado no Vaticano, o Cristianismo ocidental tem por língua internacional o latim com sotaque italiano.

a grafia antiga obtidas por meio da epigrafia, numismática, dos melhores manuscritos antigos e dos argumentos etimológicos dos antigos gramáticos. Devemos levar em consideração também o pragmatismo dos humanistas renascentistas, que adaptavam a grafia conforme o leitor almejado, adotando, por exemplo, uma maneira mais tradicional de escrever uma carta para um destinatário conservador. A variação de grafia encontrava-se também relacionada às preferências de um determinado escritor, copista ou tipógrafo. Dessa maneira, normalizar ou padronizar a grafia de textos renascentistas conforme regras atuais seria um grande erro.

Certas grafias latinas observadas em autores do Renascimento ou de períodos posteriores poderiam refletir a preferência dos seus coevos, preceitos de manuais da época e ainda hipóteses etimológicas. Um exemplo disso é a palavra *caelum* (céu), que levou os autores a se dividirem entre as grafias *celum* e *coelum*, porque uns julgavam-na oriunda do verbo latino *celare* (esconder) e outros, do adjetivo grego *koi=loj* (côncavo, vazio, profundo). Um segundo exemplo que mencionamos é o do substantivo *auctor* (autor, responsável), muito frequente em páginas de rosto com a grafia *author* devido à analogia com *au/qe/nthj* (senhor), que deu, em latim, *authēnta* (senhor, árbitro, soberano). Um último exemplo é o da palavra *silva* (selva, bosque), que se encontra frequentemente grafada *sylva* na documentação, devido a uma falsa etimologia associada a *u#lh* (bosque). Muito embora não sejam mais uma questão para os atuais classicistas, essas e outras grafias circularam durante considerável tempo em tratados de humanistas, como

é o caso de *Ortographia latina ex vetustis monumentis* (1704),<sup>11</sup> de Christophorus Cellarius (1638-1707), que se dedicou a discutir várias delas. Assim, não podemos contar com a uniformidade gráfica de palavras latinas em obras raras.

### O local de impressão em latim

Indicar onde uma obra foi impressa ou estava à venda servia não apenas para fins de publicidade, bem como para fiscalização. As autoridades governamentais e religiosas tinham que saber qual pessoa/estabelecimento era responsável pela impressão e/ou comercialização do livro para checar se o texto impresso correspondia de fato ao texto aprovado pelos órgãos de controle. Inicialmente, essa informação aparecia ao final da obra, nos *explicitis* dos incunábulo (séc. XV), mas já nos pós-incunábulo (séc. XVI) migrou para a página de rosto, podendo vir repetida ou complementada no colofão.

Em geral, o local de impressão é expresso por topônimos latinos de cidades, que aparecem geralmente no locativo.<sup>12</sup> Os mais encontrados são de cidades europeias: ex. *Antuerpia* (Antuérpia, Bélgica), *Basilea* (Basileia, Suíça), *Bononia* (Bolonha, Itália), *Bruxellae* (Bruxelas, Bélgica), *Francofurtum* (Frankfurt, Alemanha), *Monachium* (Munique, Alemanha), *Parisi* (Paris, França), *Patavium* (Pádua, Itália), *Ulysbona* / *Olyssipponis* / *Ulixbonis* / *Ulyssiponis* (Lisboa, Portugal), *Venetiae* (Veneza, Itália). A indicação do local de impressão, portanto, é feita por meio de nomes de cidades no locativo. Alguns desses topônimos são palavras

que se empregam apenas no plural, o que os gramáticos latinos denominam de *pluralia tantum* (somente plurais), conforme caso abaixo.

Embora o locativo tenha se consagrado internacionalmente no mundo tipográfico, registram-se expressões *in* + topônimo em ablativo, forma menos clássica para circunstância de lugar: ex. *in Verona* (em Verona), *in Brasilia* (no Brasil).

Alguns nomes compostos de cidade apresentam gentílicos, *i.e.*, adjetivos que indicam povos ou nações, referentes aos habitantes históricos de uma região: ex. *Lugdunum Batavorum* (Leiden dos Batavos [nome histórico da cidade holandesa de Leiden em referência aos batavos, povo da antiga região da Batávia, localizada atualmente nos Países Baixos]); *Lutetia Parisiorum* (Lutécia dos Parisios [nome latino da cidade de Paris, que alude aos parisios, povo que lendariamente descendeu do príncipe troiano Páris e que habitou as margens do rio Sena até a dominação romana]); *Mantua Carpetanorum* (Mântua dos Carpetanos [nome latino da cidade italiana de Mantova, situada na antiga região da Carpetania e habitada inicialmente pelos carpetanos]); *Augusta Vindelicorum* (Augusta dos Vindélicos [cidade fundada pelo imperador Augusto na região da Vindelícia, habitada antigamente pelos vindélicos e onde se situa atualmente a cidade alemã de Augsburg]).

### Glossário latino-português de nomes de lugar

Pelo QR code na página ao lado, disponibilizamos o glossário latino-português de nomes de lugar. Trata-se

nominativo	locativo	nominativo	locativo	Pluralia tantum (somente plurais)	
				nominativo	locativo
<i>Antuerpia</i> Antuérpia	<i>Antuerpiae</i> em Antuérpia	<i>Patavium</i> Pádua	<i>Patavij</i> em Pádua		
<i>Basilea</i> Basileia	<i>Basileae</i> em Basileia	<i>Monachium</i> Munique	<i>Monachij</i> em Munique	<i>Bruxellae</i> Bruxelas	<i>Bruxellis</i> em Bruxelas
<i>Bononia</i> Bolonha	<i>Bononiae</i> em Bolonha	<i>Olyssipponis</i> Lisboa	<i>Olyssippone</i> em Lisboa	<i>Venetiae</i> Veneza	<i>Venetis</i> em Veneza
<i>Francofurtum</i> Frankfurt	<i>Francofurti</i> em Frankfurt	<i>Ulixbonis</i> Lisboa	<i>Ulixbone</i> em Lisboa	<i>Parisi</i> Paris	<i>Parisiis</i> em Paris

de uma compilação de verbetes extraídos de PEDDIE (1968) e de GRAESSE; BENEDICT; PLECHL (1972), com as devidas adaptações para língua portuguesa. Restamos, por último, sensibilizar o bibliotecário quanto ao manejo deste material, pois há certas armadilhas que termos relativos à geografia podem oferecer. Mesmo que, aparentemente, sejam provenientes do léxico antigo, é possível que esses topônimos, em páginas de rosto, colofões, *incipits* e *explicitis*, apresentem um significado não tão óbvio, demandando conhecimento da realidade geopolítica da época em que a obra foi impressa.

Um exemplo disso é o topônimo *Belgium*, que, em dicionários latino-portugueses, encontra-se com a acepção de Bélgica (parte da Gália Bélgica entre o Oise e o Escalda). No entanto, essa mesma palavra, na expressão *utrumque Belgium*, pode se referir tanto aos Países Baixos Espanhóis, caso apareça na página de rosto de uma obra impressa entre 1555 e 1714, quanto aos Países Baixos Holandeses, se estiver em impressões após 1714. Outro exemplo é *Codanus sinus*, que pode significar Categate (estreito entre Dinamarca e Suécia) ou mar Báltico. A escolha por uma acepção torna-se mais complexa, quanto consultamos os autores antigos, pois, para Pompônio Mela (15 - c. 45 d.C.) e Plínio, o Velho (23 - 79 d.C.), *Codanus sinus* era uma enorme baía situada além do rio Elba e tinha inúmeras ilhas pequenas, que, atualmente, corresponderiam à Escandinávia.

Esses exemplos servem de alerta para o risco de nos limitarmos a autores antigos ou a dicionários baseados em léxico antigo, quando precisamos determinar o significado de topônimos latinos em documentação moderna. O leitor perceberá que, em vários verbetes abaixo, há topônimos com duas ou mais possibilidades de acepção: ex. **Altonauiae** Altona ou Hamburg-Altona (Alemanha); **Bethaniae ad Oderam** Beuthen (Alemanha) ou Bytom (Polônia); **Bres-**

**ciae** Brzesc Litewski (Polônia) ou Brest (Bielorrússia); **Claudiopoli** Kolozsvár (Hungria) ou Cluj / Cluj-Napoca (Romênia). A escolha por uma dessas possibilidades deverá levar em consideração a geopolítica da época em que esse topônimo foi empregado, consultando-se não apenas o dicionário de latim clássico bem como, e sobretudo, manuais adequados de geografia e a literatura contemporânea do autor. ■

## NOTAS

1 Disponível em: [arquivo.bn.br/planor/documentos/criterioraridade.pdf](http://arquivo.bn.br/planor/documentos/criterioraridade.pdf)

2 Conquanto o já citado Dicionário do livro (FARIA; PERICÃO, 2008) apresente muitas expressões latinas recorrentes no universo da Biblioteconomia, não se trata de uma obra de referência voltada especificamente para esse fim.

3 “Em atendimento à Lei, o CFE publicou, em 24 de abril de 1962, a Indicação s/n., contendo orientações para a organização dos quadros curriculares do ensino secundário ginasial e colegial. [...] Tal indicação trazia a lista de disciplinas obrigatórias para todos os sistemas do ensino médio secundário, bem como a lista de disciplinas complementares e optativas para o sistema federal de ensino, conforme a seguir: Disciplinas obrigatórias para o Ginasial e Colegial: Português (sete séries); História (seis séries); Geografia (cinco séries); Matemática (seis séries); Ciências (sob a forma de iniciação à Ciência, 2 séries, sob a forma de Ciências Físicas e Biológicas, 4 séries). O número de séries indicadas constitui o máximo, conforme Parágrafo único do Art. 10.; Disciplinas complementares do sistema federal para o Ginasial e Colegial (Apenas uma das opções apresentadas): Desenho e Organização Social e Política Brasileira; Desenho e uma língua estrangeira moderna; Uma língua clássica e uma língua estrangeira moderna; Ou duas línguas estrangeiras modernas, em ambos os ciclos; Uma língua estrangeira moderna e filosofia (no 2º ciclo); Disciplinas de escolha pelos estabelecimentos de ensino (apenas 2 optativas das opções apresentadas, sendo 1 por série): Ginasial - Línguas estrangeiras modernas; Música (canto orfeônico); Artes industriais; Técnicas comerciais; Técnicas agrícolas; Colegial - Línguas estrangeiras



Mire a câmera do seu celular para o QR Code acima e acesse o glossário latino-português de nomes de lugar.

modernas; Grego; Desenho; Mineralogia e geologia; Estudos sociais; Psicologia; Lógica; Literatura; Introdução às artes; Direito usual; Elementos de economia; Noções de contabilidade; Noções de biblioteconomia; Puericultura; Higiene e dietética; Práticas Educativas para o Ginásio e Colégio (Educação Física + 1 optativa pela escola); Educação cívica; Educação artística; Educação doméstica; Artes femininas; Artes industriais; Outras indicadas pelas escolas." (QUEIROZ; HOSOME, 2018, p. 6-7) Grifo nosso.

4 Para mais informações sobre o NDLC, acesse nosso site oficial: <https://ndlcufirj.wixsite.com/home>

5 O latim é uma língua predominantemente sintética (do grego συνθητικός, que é colocado junto – prefixo preposicional συν- + verbo τίθεμι, por, colocar), o que significa dizer que há, nessa língua, a predominância de sintagmas lexicais, isto é, palavras que carregam consigo, em suas terminações, as funções sintáticas que desempenharão na frase. O português, por outro lado, é uma língua predominantemente analítica (dependente da análise da ordem das palavras na frase e do uso de preposições para o conhecimento da função do termo). Dessa maneira, o que é expresso em latim por um termo com terminação de genitivo, para indicar posse, é exprimido, em português, por meio da preposição “de”.

6 Por questões didáticas, utilizamos, em latim, uma ordem de palavras mais próxima de nossa língua. Não necessariamente, essa mesma ordem se encontra em frases latinas. Com relação ao exemplo acima, seriam possíveis outras ordens – *Oppidum est Antuerpia*, *Oppidum Antuerpia est*, *Antuerpia oppidum est*, *Est oppidum Antuerpia*, *Est Antuerpia oppidum* – sem implicar em mudança de significado da frase. Em outras palavras, a frase continuaria com o significado de “Antuérpia é uma cidade”, independentemente da ordem das palavras.

7 O latim clássico não dispõe de artigos definidos nem indefinidos. A utilização dessa classe de palavras na tradução é uma escolha do tradutor.

8 Via de regra o vocativo apresenta a mesma terminação do nominativo, a salvo alguns substantivos terminados em *-us*, como *typographus* (voc. = *typographe*), ou em *-ius*, como *filius* (voc. =

*filij*); entre outros. De qualquer forma, o vocativo de topônimos não ocorre em páginas de rosto. O exemplo acima serve apenas a fins didáticos.

9 Não usamos aqui o alfabeto fonético internacional pelo fato de que, em geral, essa simbologia tem uso restrito a profissionais da área de Letras ou a estudantes de idiomas estrangeiros. Dessa forma, buscamos uma representação gráfica do som mais intuitiva.

10 Não será de mais termos em mente que o plural em -e do feminino italiano – *vite* (vidas), *ruote* (rodas) – consiste na transformação histórica da terminação plural do feminino latino – *vitae* (vidas), *rotae* (rodas).

11 Esta obra seguiu sendo impressa até, pelo menos, 1779, o que pode nos ajudar a perceber como que, em plena segunda metade do séc. XVIII, a grafia de uma série de palavras latinas ainda gerava polêmica.

12 No período clássico (séc. I a.C.), a morfologia latina já havia se simplificado para seis casos. Mas há indícios documentais de que o latim, em fase mais remota, tinha oito casos (nominativo, genitivo, acusativo, ablativo, dativo, vocativo, instrumental e locativo). No latim clássico, o ablativo absorveu as funções do instrumental (*discere bibliotheca*, aprender com a biblioteca) e do locativo (*esse in bibliotheca*, estar na biblioteca). Mas os autores latinos clássicos ainda preferiam usar nomes de lugar, sobretudo de cidades, no locativo (*esse Romae/Mediolani*, estar em Roma/Milão) em lugar de ablativo antecedido de preposição *in* (*esse in Roma/Mediolano*, estar em Roma/Milão). Esse preciosismo dos autores clássicos foi recuperado pelos humanistas renascentistas, que influenciaram os tipógrafos da época.

## REFERÊNCIAS

- BAILY, Cyril (Org.). O legado de Roma. Rio de Janeiro: Imago, 1992.
- BASSOLS DE CLIMENT, Mariano. Síntaxis latina. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1992.
- BINNS, J.W. Intellectual Culture in Elizabethan and Jacobean England: the Latin Writing of the Age. Liverpool: Francis Cairns, 1990.

- \_\_\_\_\_. STC Latin Books: Evidence for Printing-House Practice. *The Library*, 5th series, 32, 1977, p. 1-27.
- \_\_\_\_\_. STC Latin Books: Further Evidence for Printing-House Practice. *The Library*, 6th series, 1, 1979, p. 347-354.
- BORNECQUE, Henri; MORNET, Daniel. *Roma e os romanos*. Tradução de Alceu dias Lima. São Paulo: EdUSP, 1977.
- BOWDER, Diana. *Quem foi quem na Roma antiga*. São Paulo: Art Editora, 1989.
- BURCKHARDT, Jacob. *A cultura do Renascimento na Itália*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- BURKE, Peter. *O Renascimento*. Lisboa: Texto & Grafia, 2014.
- CORASSIN, Maria Luiza. *Sociedade e política na Roma antiga*. São Paulo: Atual, 2001.
- ERNOUT, Alfred; THOMAS, François. *Syntaxe latine*. Paris: Klincksieck, 1993.
- FARIA, Ernesto. *Dicionário latino-português*. Rio de Janeiro: FAE, 1988.
- FARIA, Maria Isabel; PERICÃO, Maria da Graça. *Dicionário do livro: da escrita ao livro eletrônico*. São Paulo: EdUSP, 2008.
- GRAESSE, Johann Georg Theodor; BENEDICT, Frederick; PLECHL, Helmut. *Orbis latinus: Lexikon Lateinischer Geographischer Namen des Mittelalters und der Neuzeit*. Klinkhardt & Biermann: Braunschweig, 1972. Disponível em: <https://www.bavariikon.de/object/bav:BSB-MDZ-00000BSB00050912?cq=orbis%20latinus&p=1&lang=de>. Acesso em: 13 abr. 2021.
- GRIMAL, P. et al. *Gramática latina*. São Paulo: EdUSP, 1986.
- HELANDER, Has. *Neo-Latin Studies: Significance and Prospects*. *SO Debate. Symbolae Osloenses*, 76, 2001.
- HILLYARD, Brian. *Latin for rare book librarians*. Disponível em: <https://docplayer.net/21196776-Latin-for-rare-book-librarians.html>. Acesso em: 13 abr. 2021.
- IJSEWIJN, Jozef (Ed.). *Companion to Neo-Latin Studies*. North Holland Cny.: s.n., 1977.
- LE GLAY, M. et al. *Histoire romaine*. 3. ed. Paris: PUF, 1995.
- LEITÃO, Henrique. *O livro científico antigo, séculos XV e XVI: notas sobre a situação portuguesa*. In: *MINISTÉRIO DA CULTURA. O livro científico dos séculos XV e XVI: ciências físico-matemáticas na Biblioteca Nacional*. Lisboa, Biblioteca Nacional, 2004, p. 15-53.
- MANUTIUS, Aldus. *Orthographiae ratio*. Venetiis, ex Officina Manutiana, 1561.
- MAXWELL, Robert; LEE, Harold B. *Glossary of Common Latin Terms Found in Imprints of Early Printed Books*. Disponível em: <http://net.lib.byu.edu/~catalog/people/rlm/glossary/glossary.htm>. Acesso em: 13 abr. 2021.
- MENDES, Norma Musco. *Roma republicana*. São Paulo: Ática, 1988.
- MOMMSEN, Theodor. *Historia de Roma*. Madrid: Turner, 2004. 4. v.
- NUÑEZ GONZÁLEZ, Juan Maria. *Ciceronianismo y latín renascentista*. *Minerva: Revista de Filología Clásica*. n. 5, 1991.
- PEDDIE, Robert A. *Place-Names in Imprints: An Index to Latin and Other Forms Usde on Title-Pages*. Farmington Hills: Gale Research Company, 1968.
- PIGANIOL, A. *Histoire de Rome*. Paris: s.n., 1939.
- QUEIROZ, Maria Neuza Almeida; HOUSOME, YASUKO. *As disciplinas científicas do ensino básico na legislação educacional brasileira nos anos de 1960 e 1970*. *Ensaio: Pesquisa em Educação em Ciências*. 2018, v. 20, e9723.
- RAMMINGER, Johann. *Neo-Latin: Character and Development*. In: *FORD, Philip (Ed.). Brill's Encyclopaedia of the Neo-Latin World*. Leiden; Boston: Brill, 2014.
- ROSTOVZEFF, M. *História de Roma*. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.
- SHAW, David. *Ars Formularia: Neo-Latin Synonyms for Printing*. *The Library*, 6th series, n. 11, 1989, p. 220-230.

# “LEMBRE OS LEITORES DO LA LIBERTÀ PARA NÃO CHAMÁ-LOS DE BUGRES”



## Guilherme Maffei Brandalise

Historiador, estudante de mestrado em História Social e bacharel em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Uma cidade cujo primeiro nome foi *Campo dos Bugres* poderia conhecer melhor o passado indígena da região sobre a qual foi construída. Se a justificativa para a falta de pesquisas sobre esse tema for a escassez de fontes, esse argumento não tem mais respaldo atualmente, basta uma pesquisa no Arquivo do Museu dos Capuchinhos (MusCap) para mudar essa visão.

A consulta a essa documentação somente foi possível diante dos escritos de alguns religiosos na missão de catequese de indígenas no então município de Lagoa Vermelha. Como Frei Bruno de Gillonnay, capuchinho saboiano que chegou ao Rio Grande do Sul para auxiliar espiritualmente os colonos italianos que chegavam aos milhares, e Padre Enrico Poggi, ligado à Igreja no então município de Lagoa Vermelha. Percebe-se que os capuchinhos extrapolaram a sua função original, refletindo apego pela experiência da ordem, que desde a década de 1840 com a criação das Diretorias Provinciais, receberam apoio imperial ao seu projeto missionário entre os indígenas.

Além de cartas, analisei também o jornal publicado pela ordem primeiramente em Caxias do Sul, e logo em Conde D’Eu (Garibaldi). Esse jornal foi importante para a difusão de notícias do mundo, fatos

locais e opiniões políticas vinculadas à Igreja Católica.

A partir de uma leitura crítica dessas fontes, pude esboçar uma história indígena da região de colonização italiana entre o final do século XIX e os primeiros anos do XX. Minha pesquisa resultou em uma monografia apresentada em junho de 2019, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, orientada pelo professor Eduardo Neumann.

Após essa breve introdução, acho importante contextualizar o leitor acerca do campo da História Indígena no Brasil.

## *Contextualizando a partir da História Indígena*

Como campo de pesquisa, a História Indígena se consolidou a partir dos anos 1990, com uma maior aproximação entre a história e a antropologia. A colaboração entre o historiador John Monteiro e a antropóloga Manuela Carneiro da Cunha marcou a expansão das pesquisas sobre o passado dos povos originários do Brasil, não apenas no período colonial, mas durante toda a história dos quinhentos anos de *chegada* de europeus nesse território. O livro “História dos Índios do Brasil”, de 1992, marca esse momento.

A partir dessa “nova” abordagem, inspirada na *ethnohistory* praticada nos países de língua inglesa e espanhola, foram colocadas problemáticas que permitiram repensar a história do Brasil. Dentro da proposta desse artigo, é importante conhecermos o contexto a partir do século XIX, durante o qual o sul do Brasil passou por diversas guerras, revoltas, e viu a sua população deixar de ser majoritariamente indígena e negra para ter maioria branca devido ao fluxo de imigrantes europeus.

Esse século foi marcado pela colonização de territórios ocupados por grupos indígenas, principalmente nos sertões do sul do país. Dom João VI ao chegar no



Indígenas acompanhados de um frei Capuchinho (ao fundo).

Construiu-se a ideia de que esses eram territórios “vazios”, “terras de ninguém”. O conceito de “Terras Devolutas”, presente na Lei de Terras de 1850 e a ambiguidade da legislação que tratava dos indígenas colaboraram com os costumes de expropriação e exploração que imperavam nos sertões do Centro Sul.

Brasil em 1808 declarou “Guerra Justa” aos Coroados e Botocudos (o primeiro etnônimo se refere aos atuais Kaingang e o segundo, a diferentes povos como os atuais Krenak em Minas Gerais e Xokleng no RS e SC). A onda colonizadora gerada no início do XIX continuou pelo menos até o início do século XX. Construiu-se a ideia de que esses eram territórios “vazios”, “terras de ninguém”, como bem tratou Lucio Mota sobre o oeste do Paraná. O conceito de “Terras Devolutas”, presente na Lei de Terras de 1850 e a ambiguidade da legislação que tratava dos indígenas colaboraram com os costumes de expropriação e exploração que imperavam nos sertões do Centro Sul, segundo Soraia Dornelles.

Na região da Serra Gaúcha se destacam no século XIX as atuações dos caciques Coroados Braga, Doble e João Grande (também chamado de Nicué, Nivô ou Nicuó). Braga era o cacique principal (*pay mág*) e os outros eram subordinados (*pay*). Porém quando o engenheiro belga Alphonse Mabilde escreveu acerca desses grupos nas décadas de 1830 e 1850 os três estavam em guerra. Quanto a desavença entre Braga e Doble, Mabilde descreve uma traição do primeiro contra o *pay mág*. João Grande era o cacique da região mais ao sul, junto às escarpas

O cacique João Grande foi morto, segundo relatório do Presidente da Província do Rio Grande de São Pedro, em 1853, próximo ao Rio Caí, pelo bando do cacique Doble com ordens do governo. Este último morreu vítima de uma doença contagiosa adquirida de roupas doadas a seu grupo pelo governo provincial, como *prêmio* por seus serviços prestados.

cobertas de florestas entre os rios Sinos e Caí. Essa liderança foi a única que se negou a negociar com o governo, resistindo contra a invasão de seu território através de *correrias*, ataques a fazendas e colônias (na época, alemãs), prática que, aliás, era comum entre todos os Coroados dessa época. João Grande foi morto, segundo relatório do Presidente da Província do Rio Grande de São Pedro, em 1853, próximo ao Rio Caí, pelo *bando* do cacique Doble com ordens do governo. Este último, também conhecido por *Yotoahê*, morreu vítima de uma doença contagiosa adquirida de roupas doadas a seu grupo pelo governo provincial, como *prêmio* por seus serviços prestados.

### *A visita inesperada*

Durante o século XIX a política provincial foi a de aldear a todos os indígenas em um só *toldo*, o de No-noai. Porém seus planos foram frustrados pelas estratégias dos indígenas, que se recusaram compartilhar o mesmo território com grupos rivais, como foi o caso de Braga e Doble. A partir de 1910, com a criação do *Serviço de Proteção ao Índio e Localização dos Trabalhadores Nacionais*, o governo federal aplicou políticas para os indígenas, mas apenas em alguns aldeamentos. Até aquele momento, a catequese dos indígenas, segundo o Regulamento das Missões de 1845, estava sendo feito por ordens religiosas, em especial os capuchinhos, sob administração da Diretoria Geral dos Índios, órgão provincial. Com o advento da república, a Igreja perdeu força, mas continuou ativa, como podemos perceber pela insistência e sucesso do frei Bruno de Gillonnay para ocupar a paróquia de Lagoa Vermelha em 1904.

Historiadora natural de Garibaldi, Soraia Dornelles reforça a constatação de que a política do Império sobre os povos indígenas tinha o objetivo de apropriar seu território e explorar seu trabalho. Essa afirmação parte de pesquisas recentes sobre o século XIX no Brasil que demonstram que a mão de obra era um problema em pauta, já que a partir de 1831 são promulgadas leis que começam a restringir o regime escravista. Vejamos como a proposta dos capuchinhos e do governo provincial coaduna temas como terra, trabalho e catequese:

*“Passo agora a enunciar os meios a empregar para civilizar e moralizar este povo e, acredito que poderemos obter excelentes resultados nas seguintes*



Jovem índio sendo castigado. Data e local desconhecidos.

condições: a) *Os índios mesmos pedem ao Governo reconhecer-lhes como propriedade uma área de terra que sempre ocuparam, situada entre o rio Carazinho, a leste, e o rio Lajeado, a oeste; a superfície é de duas léguas quadradas, mais ou menos.* b) *O território cedido aos índios deverá ser dividido em lotes, de modo que cada um seja proprietário do lote que ocupa e cultiva; [...]* (D'APREMONT; GILLONNAY, 1976, p. 73, grifo nosso).

*“Decreto nº 1528 de 9 de outubro de 1909, [...] a fim de promover no corrente exercício, a catequese dos índios de Lagoa Vermelha. O Governador do Rio Grande do Sul, - Considerando que chegou enfim o tempo de se servir, como fonte de trabalho, dos numerosos grupos de índios que vagueiam através das florestas do Estado; - Considerando em segundo lugar que este trabalho deve ser preparado pela catequese dos ditos índios, mediante um ensino adequado e ministrado por pessoal escolhido para este fim.”* (D'APREMONT; GILLONNAY, 1976, p. 74-75, grifo nosso).

Percebe-se a ênfase na divisão das terras em lotes e no uso da mão de obra. Como salienta o próprio Bruno de Gillonnay, próximo do toldo dos índios estava surgindo uma nova colônia italiana, Sananduva. Assim, o contato entre indígenas e italianos devia ser cada vez mais frequente à medida que os colonos iam se estabelecendo. Tudo indica que o trabalho indígena era fundamental, especialmente na abertura de estradas e na derrubada dos matos. Porém as relações não eram tão pacíficas (ver matéria do *Jornal A FEDERAÇÃO*, n. 51, 2 mar. 1910, citada por Rodrigues, 2002).

Em um outro relato, na imprensa capuchinha, o Padre Enrico Poggi “lembra os leitores que não chamem os indígenas de ‘bugre’”, pois é um nome pejorativo, que provavelmente veio da Europa junto com imigrantes, segundo o historiador italiano Piero Brunello. Nesse mesmo texto, Poggi afirma que os indígenas têm “orgulho de serem índios, e com esse nome querem ser chamados”. Com os devidos limites, podemos dizer que o Padre de Lagoa Vermelha *deu voz*, ou melhor dizen-



Índios vestindo roupas que podem ser as mesmas doadas pelas comunidades italianas.

do, amplificou a voz indígena ao publicá-la em um jornal de circulação regional.

Visto da perspectiva dos índios, os capuchinhos eram potenciais aliados frente a conflitos com colonos. Isso é demonstrado pela *inesperada* visita de Fortunato, capitão (uma liderança subordinada ao cacique) do grupo de Faustino Doble. O capitão apareceu nas instalações do jornal capuchinho em janeiro de 1910. Pelo relato fica difícil afirmar se foi em Conde d'Eu ou em Caxias, mas provável que seja no primeiro local. Fortunato, descendente do cacique Doble *Yotoahê*, recebeu presentes - um relógio e um binóculo - e falou sobre o seu grupo, incluindo os castigos aplicados àqueles que desobedecem às normas (foto p. 19). Depois desse encontro insólito e diplomático, Fortunato partiu com seu companheiro de viagem, o leigo Ricardo Zeni, por diversas comunidades italianas da região para angariar doações de roupas, que talvez sejam as mesmas que aparecem em foto do acervo do MusCap.

### *Exploração e caridade*

Entre cartas e as notícias veiculadas na imprensa, os documentos produzidos pelos freis são uma fon-

te sobre o contato entre italianos e indígenas, tema que ainda é pouco explorado na historiografia. Quando eram capuchinhos encarregados da parte secular do aldeamento, os documentos costumam ser mais completos. De fato, foi fundamental encontrar menções sobre a tal *Visita Inesperada* do cacique Fortunato. A partir desse evento, podemos perceber um tipo de *mediação cultural* realizada pelos capuchinhos entre indígenas e colonos italianos.

John Monteiro dedicou um subcapítulo de sua tese de livre docência sobre o tema da filantropia e extermínio como marcas da relação com as populações indígenas, tanto em áreas urbanas quanto nos sertões no século XIX. Os relatos produzidos por Bruno de Gillonnay e Enrico Poggi são testemunhas de um período tardio desse recorte, no início da República e da administração secular da questão indígena no Brasil. Para os povos originários, principalmente Kaingang, esse período marca o começo do chamado *tempo dos panelões*, período em que enfrentaram um regime de verdadeira escravidão nos aldeamentos administrados por funcionários corruptos que ficavam com os frutos dos trabalhos dos indígenas, tudo demonstrado pelo famigerado Relatório Figueiredo, descoberto em 2013. Mas essa é uma outra história. ■

Em um relato na imprensa capuchinha o Padre Enrico Poggi “lembra os leitores que não chamem os indígenas de ‘bugre’”, pois é um nome pejorativo, que provavelmente veio da Europa junto com imigrantes. Poggi afirma que os indígenas têm “orgulho de serem índios, e com esse nome querem ser chamados”

#### REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Celestina de. Historia y antropología: algunas reflexiones sobre abordajes interdisciplinarios. *Memoria Americana* 20 (1), enero-jun. 2012: 111-127.

BRAGA, Danilo. A história dos Kaingang na luta pela terra no Rio Grande do Sul: do silêncio, à reação, a reconquista e a volta pra casa (1940-2002). UFRGS, PPGHIST. Terra Indígena Serrinha, 2015.

BRANDALISE, Guilherme Maffei. "Eles se vangloriam de ser índios, e com esse nome querem ser chamados": indígenas, capuchinhos e as colônias italianas no nordeste do Rio Grande do Sul (1895-1918). Trabalho de Conclusão do curso de História na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2019.

BRUNELLO, Piero. *Pionieri: gli italiani in Brasile e il mito della frontiera*. Roma: Donzelli Editore, 1994.

CUNHA, Manuela Carneiro da (org.). *História dos Índios do Brasil*. Companhia das Letras, FAPESP. 1992.

D'APREMONT, Bernadin; GILLONNAY, Bruno de. *Comunidades indígenas, brasileiras, polonesas e italianas no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EST; Caxias do Sul: UCS, 1976.

DORNELLES, Soraia Sales. *De Coroados a Kaingang: as experiências vividas pelos indígenas no contexto de imigração alemã e italiana no Rio Grande do Sul do século XIX e início do XX*. UFRGS – PPGHIST: 2011.

DORNELLES, Soraia Sales. *A questão indígena e o Império: índios, terra, trabalho e violência na província paulista, 1845-1891*. Tese de Doutorado. UNICAMP – IFCH, 2017.

GILLONNAY, Bruno de. *A Igreja e os capuchinhos no Rio Grande do Sul: correspondência – 1895-1909*. Porto Alegre: EST, 2007.

LAROQUE, Luis Fernando da Silva. *Lideranças Kaingang no Brasil meridional (1808-1889): uma história que também merece ser contada*. UNISINOS: Dissertação de Mestrado, 2000.

LAROQUE, Luis Fernando da Silva. *Fronteiras geográficas, étnicas e culturais envolvendo os Kaingang e suas lideranças no sul do Brasil (1889-1930)*. Pesquisas / Instituto Anchieta de Pesquisas. São Leopoldo: Unisinos, 2007. 343 p. (Antropologia; n. 64).

MABILDE, Coronel Affonso P. T. *Apontamentos sobre os indígenas selvagens da Nação Coroados dos matos da Província do Rio Grande do Sul (1836-1866)*. São Paulo: Ibrasa; Brasília: INL, Fundação Nacional Pró-memória, 1983.

MONTEIRO, John. *Tupis, Tapuias e historiadores: estudos de História indígena e do indigenismo*. Tese de Livre Docência. Campinas, Unicamp, 2001.

MOTA, Lúcio Tadeu. *As guerras dos índios Kaingang: a história épica dos índios Kaingang no Paraná (1769-1924)*. Maringá: EDUEM, 1994.

RODRIGUES, Cíntia Régia. *As imagens do índio na imprensa Sul-Riograndense (1884-1910)*. Dissertação de Mestrado em História, UNISINOS. 2002.

# MULHERES E ARTE

## UM PROJETO PARA O BEM COMUM

Por Christian de Lima e Eliana Relá

Historiadores e integrantes do projeto

Ao pensar que o planeta terra é uma esfera composta por água, em meio ao espaço, começamos a repensar sobre o termo “jogar fora”. Para onde vai este “jogar fora” se no globo terrestre, habitado por nós, humanos, não há um triturador que consuma as 1,4 bilhões de toneladas de lixo produzidas por ano pelo ser humano? Para onde vão todos os resíduos produzidos diariamente e que demoram centenas de milhares de anos para se decompor em meio a natureza?

Com a produção em massa de materiais descartáveis, nós, humanos, devemos começar a ponderar — mesmo que atrasados — nossos costumes e práticas. Precisamos observar com atenção e cuidado a utilização destes materiais em nossas vidas e sua real necessidade. O lixo produzido e descartado em determinada região não é um episódio pontuado e pertencente apenas aquela localidade, ele faz parte de uma rede de ações interligadas e que influenciam diretamente o ecossistema. Pode-se agir com cautela e evitar, de certo modo, a utilização de tantos materiais descartáveis em nosso cotidiano. Com pequenas atitudes locais, com opções sustentáveis e retornáveis, com mudanças e escolhas com discernimento, mudamos junto um sistema construído de forma agressiva, inadequada e obsoleta para os dias atuais.

A larga produção de resíduos que já existe e está entre nós, requer novas práticas, como por exemplo, ressignificar a produção e propor sua reutilização. É essencial dar vida a estes materiais e valor aos que os manejam. É necessário ver e reconhecer o trabalho árduo realizado para que este lixo não faça parte da nossa paisagem diária.

Assim surge o projeto *Mulheres e Arte: a trajetória do recriar*, proposto pelo Museu dos Capuchinhos com escopo para o público feminino da



Oficina de argila com a artista Daniela Antunes.





Oficina de desenho com o artista plástico Celso Bordignon.

Associação ARCA – Recicladores e Carroceiros do Aeroporto, em Caxias do Sul. O projeto em sua originalidade surge com a força e o desejo da mudança, construindo seus alicerces na utilização de materiais recicláveis para confecção de obras de arte, criadas por estas mulheres.

Estas obras são o resultado final do trabalho desenvolvido. Anteriormente à execução dessa etapa e com o apoio de colaboradores qualificados, foi planejada uma série de ações e atividades para o grupo.

O primeiro passo foi o contato entre Museu e Associação, a fim de explicar e apresentar para o grupo que a proposta não se trata unicamente de arte, mas de visibilizar os personagens desta história, com transparência conhecer suas vivências e salientar a importância e necessidade do seu trabalho na sociedade. Em sua íntegra, ter a liberdade de se expressar através da arte.

Mas para que o projeto, uma premiação internacional e que conta com o apoio do programa Ibermuseus com viés na educação, pudesse ter maestria e competência em sua totalidade, a equipe definida fora ponderada pela sensibilidade que os profissionais escolhidos possuem com a existência humana.

O projeto não quer apenas democratizar a arte, reconhecendo-a em espaços não oficiais e construir

conjuntamente com as profissionais recicladoras, experiências de compreensão e reconhecimento de sua importância na sociedade como mulheres e cidadãs. Tal experiência é de suma importância diante do papel que desenvolvem como mulheres dentro da sociedade contemporânea. Assim os profissionais responsáveis, historiadoras, escritoras, produtoras culturais, professoras e artistas juntamente a uma psicóloga, antes das oficinas artísticas terão o comprometimento de trabalhar estas questões com o grupo, refletindo conjuntamente sobre suas interrogações, adversidades, problemas, alegrias, vitórias e tantos outros pontos que surgirem.

Estas conversas e ações poderão servir de embasamento para que elas possam ressignificar os materiais recicláveis, dando força à imaginação e criatividade, gerando assim possibilidades e alternativas para que possam contribuir em suas rendas.

A criação de obras de arte, artesanatos e todas as demonstrações artísticas produzidas pelas recicladoras neste projeto e os que podem vir a ser feitos posteriormente à realização, são frutos de um trabalho de observação, atenção e cuidado com elas, conosco e com o próximo. Retirar resíduos de um galpão, ruas, rios, de nossa casa e ressignificá-los em arte, é dar ao mundo uma opção de reerguer-se em meio a calamidade ambiental que vem se criando nas últimas décadas. É possibilitar e

apresentar à sociedade contemporânea que há alternativas no uso deste material para o bem comum.

O projeto realizou junto a estas mulheres oficinas artísticas para que pudessem experienciar técnicas e o contato com a arte. Entender o processo do desenho, da terracota, pintar de forma livre, são intervenções que, em seus cotidianos, instigam o desejo de criar.

O trabalho resultante desses encontros e oficinas, como conclusão do projeto, será a exibição de uma mostra presencial com os trabalhos desenvolvidos ao longo dos seus processos criativos. Uma exposição que contempla a reutilização dos materiais recicláveis. Aberto para a comunidade e de forma gratuita, mais que apresentar os resultados de um trabalho realizado no coletivo e que visou a relação humana como base estrutural de sua construção, seu legado vira-se para ações educativas e visitas espontâneas, para que os espectadores possam repensar sobre a grandiosidade e força do trabalho anônimo e contínuo realizado por estas mulheres.

As obras de arte exibidas na Sala de Exposição do Museu dos Capuchinhos do Rio Grande do Sul farão parte da história da instituição com a expressividade e determinação com que este projeto foi realizado, com a ânsia e disposição para que diariamente posamos fazer a diferença, e por fim, preservando nossa própria existência e de nosso planeta. ■

Oficina para produção das obras com os artistas Gio e Doug.



CHRISTIAN DE LIMA

## O QUE DIZEM SOBRE O PROJETO

Como representante da associação ARCA, estou achando o projeto muito massa, em poder participar eu e minhas colegas de trabalho. A nossa realidade é o dia a dia na associação e tendo esta oportunidade de fazer o projeto com os envolvidos, deparamos que através do material que separamos, pode-se criar várias esculturas, uma arte muito significativa para todos nós. Só temos a agradecer a todos os envolvidos!

### Suelen Freitas

Recicladora

Participar do projeto foi engrandecedor. Entrar em contato com essas mulheres que selecionam objetos e cuidados foi uma riqueza imensurável. Sim, mulheres que reciclam pedaços de vida, de amor, de compaixão. Que transformam seus caminhos em força e determinação. Oferecer para quem deseja usufruir, quem entende com o olhar, quem através das lágrimas aspira entendimentos, quem se percebe estar ali inteiro, querendo absorver, é muito gratificante. Saí nutrida de vida, da vida que brotou naquelas breves horas, em lugares escondidos.

### Neusa Fante

Psicóloga

Este projeto está sendo um marco na existência da instituição. Fazer parte de uma ação em que, além de levar arte e conhecimento para estas mulheres, possibilita que estas percebam e repensem sobre seu papel na sociedade. Desta forma, o museu cumpre com sua proposta social e educativa.

### Raquel Brambilla

Museóloga

# YOHANNES TEKLEMARIAM BACHE

## FREI CAPUCHINHO

Tradução italiano-português  
Frei Celso Bordignon

Eu me chamo Pe. Yohannes Teklemariam Bache, pertencente até o momento a Província Capuchinha da Etiópia. Nasci na Etiópia e abracei a vida capuchinha desde o Seminário Menor. De 1996-1998 frequentei a Escola Vaticana de Arquivística e Biblioteconomia e no mesmo período fiz o curso dos Bens Culturais da Igreja junto a Pontifícia Universidade Gregoriana, de 1999-2001 fui professor junto ao Instituto Franciscano Capuchinho de Filosofia e de Teologia de Adis Abeba, sendo também responsável pela biblioteca do mesmo instituto e diretor dos estudantes capuchinhos de Teologia.

Retornei a Roma em 06 de agosto de 2001 como membro dos sócios do Instituto Histórico dos Capuchinhos e designado pelo ministro geral John Corriveau como assistente do então diretor do Museu Franciscano, Pe. Servus Gieben (1924-2014). Enquanto trabalhava neste museu, obtive o mestrado em História Eclesiástica no ano de 2005 e o doutorado em 2011 com a tese sobre a História do Museu Franciscano de Roma de 1889-2004. Devido a idade Pe. Servus me deixou a Direção do Museu já em 2010 embora tenha continuado a prestar o seu serviço até abril de 2013. O Museu Franciscano do Instituto Histórico é uma das atividades da equipe de estudiosos do Instituto Histórico que se ocupa de estudos franciscanos e das suas publicações, servindo-se também do inesgotável material do Museu que documenta a história de toda a ramificação franciscana.

ACERVO PESSOAL





O meu primeiro trabalho em 2002 foi aquele de catalogar cientificamente milhares de matrizes de gravuras (em cobre). Como principiante foi uma aventura porque em algumas matrizes haviam três ou quatro nomes todos abreviados e era necessário fazer algumas pesquisas, mas também de imaginação para completar. Era necessário saber também a tipologia das gravuras (buril, água-forte, ponta-seca, xilogravura, etc.) e comparar as gravuras impressas relativas a tais matrizes. Logo, o trabalho de inventário e catalogação é suspenso, pois se iniciavam os trabalhos de reestruturação, que a vários anos se aguardava.

**Faça um apanhado da história do Museu Franciscano, dificuldades e conquista do passado e a tipologia dos acervos que o museu hoje custodia.**

O atual Museu Franciscano da Ordem foi fundado junto ao convento capuchinho de Marselha (França) entre os anos de 1880 e 1882. Por ocasião do VII Centenário do Nascimento de São Francisco de Assis (1882), Pe. Louis-Antoine de Porrentruy (1835-1912) com outros colaboradores publicou um volume ilustrado, com o título São Francisco de Assis. O Museu tomou a seu formato museal em 1885 e em outubro de 1889 o

Ministro Geral Bernardo de Andermatt o inaugurou solenemente. No ano seguinte já foi necessário aumentar o museu com uma outra sala mais ampla devido a quantidade de material que chegava ao Museu, que crescia em quantidade e qualidade. Para a sua defesa e proteção, Pe. Louis-Antoine obteve em 1895 o Breve Apostólico, Minime nos latet, assinado em 20 de dezembro por Leão XIII. A lei da França republicana, emanada em julho de 1901, confiscou em 1905 quase metade do acervo e tudo o que o Pe. Leão de Lyon conseguiu salvar foi transferido para a Itália. De 1905-1912 se enviavam as peças à Cúria Geral dos Capuchinhos, Via Boncompagni 71. Terminada a primeira organização no térreo da Cúria, este foi inaugurado em 1913.

Em 1927 o Ministro Geral Melquior de Benisa transferiu o Museu para Assis junto ao palácio Sperelli, onde em 1930 o mesmo Melquior instituiu a fraternidade dos estudiosos do Colégio São Lourenço, que em 1940 foi denominado "Instituto Histórico dos Capuchinhos". Em 1953 o Museu retorna novamente a Roma na Via Sicília, de onde foi transferido para a atual sede (Gran Raccordo Annulare de Roma) em 1968. No novo complexo se criou um espaço expositivo com 16 grandes salas, 22 saletas e dois corredores (em cima e em baixo), ao todo 40 lo-

MOACIR P. MOLON



cais expositivos. Em 1970 o Pe. Servus Gieben (1924-214) se torna o responsável pelo Museu e de 1981 até 2010 diretor. Nesse mesmo ano a direção é passada para mim, que de setembro de 2001 até a minha nomeação como diretor fui assistente do Pe. Servus.

O Museu Franciscano conserva os objetos franciscanos de todo o tipo: pinturas, esculturas, desenhos, estampas, códigos miniados, cerâmicas e outros acervos a partir do século XIII até aos nossos dias. O objetivo principal desde a fundação foi aquele de documentar a história franciscana por meio das imagens de cada categoria artística, começando pela iconografia de São Francisco de Assis, depois os santos e beatos, e dos personagens franciscanos mais consideráveis. O fundador (do Museu) tendo sido Definidor Geral de 1896, pode enriquecer o Museu com numerosas obras que recebia em doação. No entanto, durante a primeira sede romana e aquela assisense foram feitas notáveis aquisições. A imensa coleção de obras de arte e de objetos franciscanos foi organizada e exposta segundo uma ordem temática.

Por causa da transferência do museu para diversas sedes, muitas peças sofreram danos notáveis. Nos anos 80, o Museu sofreu, infelizmente, vários roubos. Com o último roubo desapareceram uma boa parte das moedas e medalhas papais. Em alguns pontos do prédio havia infiltração de água. Com a reestruturação do Museu (2002-2004) que preenchia parcialmente os critérios museais (instalação de anti-incêndio, alarmes, ventilação), vem melhorada e reforçada a segurança. Nestes últimos anos, o Museu enriqueceu muito com as doações da província capuchinha da Holanda.

**Fale das atividades que são feitas ou desenvolvidas no cotidiano do Museu Franciscano e como é feita a difusão da História dos Capuchinhos ali conservada.**

A imensa coleção do Museu está organizada e exposta segundo uma ordem temática. O nosso Museu, sendo o único e mais completo para a documentação artística e iconografia franciscana, é bastante frequentado por muitos estudiosos, historiadores da arte e estudantes universitários que chegam de todo o mundo. O Museu continua ainda a recolher os objetos franciscanos, inventariar, conservar e tutelar. Este oferece os seus serviços museais sobre diversos aspectos: realiza pesquisas históricas e publicações; empresta obras para exposições nacionais e internacionais; autoriza reproduções das imagens e propicia o acesso a estudantes e pesquisadores. O Museu é acessível gratuitamente aos visitantes.

A história do Museu é divulgada com: as visitas; publicações da sua própria coleção Iconografia Franciscana e seus artigos; empréstimos das obras para exposições e reprodução das imagens sejam nas publicações de caráter científico e divulgativo. São modos com os quais se difunde a história do Museu.

O nosso Museu é vinculado também a Superintendência dos Bens Culturais estatal e, portanto, é vigiado e tutelado também pelo estado italiano. Sendo um museu de ente eclesiástico, faz parte também da Associação dos Museus Eclesiásticos Italianos (AMEI).

Desde o início, a visita ao nosso Museu é gratuita. Foi decidido assim para difundir a história do Museu. Portanto não há entradas provenientes das visitas. A única entrada é aquela proveniente do empréstimo das imagens para a reproduções e publicações.



#### Como gerir este museu em tempo de pandemia?

O período da pandemia infelizmente colocou globalmente de joelhos o setor cultural. É triste ver os grandes museus romanos que hora se fecham e hora se abrem seguindo o andamento da pandemia. São golpeadas de modo pesado as atividades museais fundamentais, em particular as visitas e as exposições. O nosso museu sendo localizado na periferia da capital, sempre teve poucas visitas e durante a pandemia perdeu também as poucas que tinha. A nossa maior perda na realidade, é aquela de não poder ceder as obras de arte em empréstimo para as exposições, porque emprestando as obras solicitadas, conseguíamos uma ajuda para restaurar outras obras. No entanto durante o *lockdown* total e abertura parcial, a nossa Direção pode dedicar mais tempo aos trabalhos internos do Museu.

#### De onde provêm os recursos econômicos para a manutenção do Museu Franciscano?

Desde o início, a visita ao nosso Museu é gratuita. Foi decidido assim para difundir a história do Museu. Portanto não há entradas provenientes das visitas. A única entrada é aquela proveniente do empréstimo das imagens para as reproduções e publicações. Em muito, graças à atenção do Ministro Geral e o seu conselho em valorizar o patrimônio cultural franciscano, a nossa

Cúria Geral destina cada ano um pequeno subsídio. Temos também parcerias com alguns centros estatais de restauro, onde seguidamente são restauradas gratuitamente as obras de arte gráficas (manuscritos, estampas e desenhos). Não obstante tudo, a manutenção é um grande desafio.

#### Livremente podes falar de outros aspectos que julgues importante comunicar aos leitores da revista *Le Musée*.

Não quero desencorajar algumas províncias e circunscrições capuchinhas, que de alguma maneira possuem o seu museu de documentação histórica capuchinha, mas hoje ter um museu seja grande ou pequeno custa muito. Grande parte dos museus capuchinhos surgidos em diversas províncias italianas nos anos 80, hoje são forçados a adaptarem-se as normas museais da Europa, que não são de fato simples, ou fechá-los. Um segundo problema ligado a gestão dos museus religiosos na Europa, em particular na Itália, onde cada província possui o seu museu provincial, é aquele da falta de vocações à vida religiosa. Podem sobreviver os museus capuchinhos que se tornam como museus didáticos. Nisto, creio que o Museu da província do Rio Grande do Sul/Brasil esteja na direção justa. ■

# PÁGINAS DE PASSAPORTES



## Moacir P. Molon

Membro da Província dos Capuchinhos do Rio Grande do Sul

Esta crônica tem relação com o acervo fotográfico em construção desde 1972, em parte já nos arquivos do MusCap, e com um acervo de peças montado ao longo de mais de cinco décadas, também acolhido e catalogado pelo museu desde 2017. Quanto ao enfoque, a sugestão foi da equipe que pauta as edições de *Le Musée*.

Dedicado ao jornalismo entre 1972 e 2005, as viagens tiveram, de fundo, motivação profissional e, também, associativa, em função das entidades jornalísticas que integrei, entre elas, Adjori, World Editors Forum (WAN), ASIB — Associazione Stampa Italiana in Brasile e Comitato degli Italiani al Estero (Comites-RS), órgão do Ministero degli Affari Esteri.

Após participar do X Congresso Católico Mundial de Imprensa, em Buenos Aires (1974), representando meios de comunicação operados pelos Capuchinhos do RS, as primeiras viagens internacionais foram para a cobertura da Conferência de Puebla (Celam) com visita do Papa João Paulo II ao México (1979), e atendendo um convite oficial da República Federal da Alemanha (1982), antes da unificação, no programa *Inter Naciones*, com visitas técnicas a meios de comunicação em Bonn, Colônia, Munique e Berlim Ocidental e Oriental, sete anos antes da queda do muro de Berlim (à época em que o *Checkpoint Charlie* era o único ponto de acesso ao lado oriental da capital). Na sequência desse evento, participei, da Drupa'82 (feira de âmbito mundial na área gráfica), em Dusseldorf, com

visita técnica a indústria em Heidelberg.

A Itália, França e Estados Unidos foram os países que mais visitei. Da França não vou falar, pois merece um relato particular das visitas entre 1980 e 2018 em razão de ser o país de origem dos capuchinhos pioneiros na missão em solo gaúcho.

Por ocasião da ida ao México (1979), também visitei cidades dos estados da Califórnia e Nevada. Retornando da Alemanha, Itália, França e outros países (1982), passei alguns dias em Nova Iorque (ciceroneado por uma família caxiense), Washington DC e Miami. Já em 1992, passei uma temporada mais longa nos EUA, que comento a seguir. Em 1998, retornando do Japão, via Los Angeles, conheci o Arizona (Phoenix, Grand Canyon...) e em Orlando (Flórida) participei da Nexpo 98 (feira de sistemas eletrônicos para o setor de pré-impressão de jornais). Em 2001, retornando de Hong Kong, China, Japão, Índia e Tailândia, novamente passei uma semana em Nova Iorque, ciceroneado por scalabrinianos gaúchos.

## Itália

Como destino ou passagem, e, em geral, por razões profissionais, estive na Itália sete vezes. A primeira (1982), apesar de abrangente (centro e norte), foi uma viagem pessoal sem guia e com poucas referências. Valeu por ter tido a oportunidade de ser o primeiro dos descendentes de imigrantes Molon no Sul do Brasil a tentar um contato com as origens familiares na Província de Vicenza. A segunda, 14 anos depois (1996), foi planejada e com duração de mais de 30 dias. O objetivo foi produzir a série “Itália de Hoje” (30 reportagens) publicadas no Correio Riograndense (1996/1997) por ocasião dos 120 anos da Imigração Italiana no Rio Grande do Sul.

No ano 2000, eu era um dos delegados do Rio Grande do Sul na “Prima Conferenza degli Italiani nel Mondo”, evento oficial do governo italiano realizado em Roma. Em 2002 e 2004, participei, em Verona, a convite da Câmara de Comércio Italiana do RS,

da 36ª e 38ª Vinitaly e SOL (entre as maiores vitrinas mundiais do vinho e do *olio d'oliva extravergine*). Em 2004, também fui convidado para a Canellitaly (feira de equipamentos para o setor vinícola), em Canelly, província de Asti, no Piemonte. Na mesma viagem de 2002, dois meses antes da canonização do capuchinho São Frei Pio de Pietrelcina, conheci San Giovanni Rotondo, cidade onde passou a maior parte de sua vida, na região da Puglia, ao Sul da Itália.

Passada a fase do jornalismo, em 2012, representando os capuchinhos do RS na assembleia provincial dos Capuchinhos da França, em Bloi (Vale do Loire), visitei com calma o norte da Itália, nomeadamente as regiões da Ligúria (Gênova), Lombardia (Milão) e Vêneto. Em 2015, retornando da Rússia, Israel e Cisjordânia, na Itália visitei Matera, região da Basilicata, no Sul da Itália. É conhecida como a “*città dei sassi*”, com milenares cavernas/habitações escavadas na rocha e, muitas delas transformadas, hoje, em hotéis ímpares e de muitas estrelas e em restaurantes, museus e áreas de visitação. Na oportunidade fiz uma segunda visita a San Giovanni Rotondo (Púlia), então com a nova basílica de São Frei Pio concluída. Na mesma região da Púlia também visitei o Santuário do Monte Sant'Angelo, no Gargano, ponto final de uma peregrinação feita por São Francisco de Assis — grande devoto do Arcanjo Miguel —, no início do século XIII. E, por final, na mesma viagem revisitei, com novo olhar, os principais lugares franciscanos de Assis, na Úmbria.

### *New York City*

A estada de seis meses na cidade de Nova Iorque, EUA (1992), foi para um curso no CES - The Center for English Studies. Estive hospedado no convento dos capuchinhos, de East New York, bairro periférico com muita imigração centro americana e caribenha, onde atendem paróquia, escola e obras sociais. As celebrações dominicais tinham sempre grande afluência da comunidade centro americana. Conviver com freis capuchinhos de várias ascendências foi uma experiência enriquecedora.

No início dos anos 1990, NYC vivia o ápice da violência, criminalidade e venda de drogas (o crack era a grande novidade). A partir de 1994, com novas políticas (tolerância zero) e sistemas computadorizados, a polícia começou a virar o jogo.

Como o CES era uma escola para estrangeiros, oportunizou-me convivência com coreanos, japone-

MOACIR P. MOLON



Verona: clima e inspiração para Shakespeare (Romeu e Julieta)

ses, espanhóis, sul americanos e de vários países do oriente médio. As aulas eram pela manhã e uma tarde por semana era dedicada a visitas guiadas na cidade de Nova Iorque, como a museus, bolsas de valores (NYSE e Nasdaq), lugares históricos ou exóticos, pontos turísticos etc. e, até, em um final de semana, visita guiada a Boston (Massachusetts).

A estada me permitiu, também, visitas de interesse particular, como, por exemplo, a Ellis Island, onde estão preservadas as estruturas de acolhida e registro de todos os imigrantes que entraram



Ilha Ellis, porto (da imigração) de Nova Iorque, 1992

nos EUA desde o século XVIII. Com apoio dos scabrinianos brasileiros que atuavam na cidade de NY também pude conhecer o Centro de Estudos de Imigração (em Staten Island) e participar de excursões a locais dos estados próximos no leste, como ao Amish Country, em Lancaster (Pensilvânia), e Chicago (Illinois), além de ser ciceroneado por duas semanas em Toronto, Ontário (região dos lagos e Niagara Falls) e Montreal, Quebec, no Canadá.

Por interesse profissional, também visitei feiras como a PC Expo in New York (Javits Convention Center) e me credenciei para a Convenção do Partido Democrático no Madison Square Garden (Bill Clinton foi eleito presidente em 3 de novembro de 1992). No verão nova-iorquino os eventos culturais e artísticos se multiplicam. Estive, por exemplo, no lançamento do CD *Unforgettable*, de Natalie Cole e assisti o concerto de mesmo nome no Radio City Music Hall.

Além de matérias especiais para o Correio Rio-grandense, como correspondente da Rádio São Francisco AM, de Caxias do Sul, produzi e apresentei, ao vivo, sempre às segundas-feiras, 25 intervenções especiais no noticiário da manhã, comentando os destaques norte-americanos da semana. Gravados, esses registros integram, hoje, o acervo do MusCap.

### *Do outro lado do mundo*

Em abril de 1997 fui admitido como membro do World Editors Forum, setor da World Association of Newspapers (WAN). Como diretor do Correio Rio-grandense, em junho de 1998 participei do congresso da entidade em Kobe, no Japão, oportunidade em

que também passei uma semana em Tóquio, acolhido pelos Frades Menores (OFM). Três anos depois, em 2001, a entidade reunia os associados para outro evento internacional em Hong Kong. Nessa oportunidade decidi que aproveitaria o fato de estar do outro lado do mundo para conhecer mais países.

A estrutura do congresso da WAN em Hong Kong oportunizou um “post-congress tour” para conhecer a Muralha da China e Pequim, mais, especialmente, a “Cidade Proibida” (palácio — museu imperial das dinastias Ming e Qing por mais de 500 anos, Patrimônio Cultural da Humanidade pela Unesco, desde 1987), e o Palácio de Verão — complexo de lagos, pontes, palácios e jardins.

Uma das sete maravilhas do mundo, a Grande Muralha da China, fica a duas horas de viagem por terra desde Pequim. A visitação, a partir de um pórtico de recepção, se dá apenas em uns poucos quilômetros (dos quase nove mil de extensão). Pode-se circular livremente sobre a muralha, que foi construída ao longo de quatro dinastias, entre os anos 259 a.C. a 1600 d.C. A muralha tem em média 7m de altura, com largura (espaço de circulação no topo) de no mínimo 4m, e é dotada de torres de vigia e até de instalações para tropas militares. Ao longo dos séculos também serviu como corredor de transporte. Os recentes levantamentos concluem que as muralhas da dinastia Ming têm 8.850km (6.259km de seções da muralha em si, 359km de trincheiras e 2.232km de barreiras defensivas naturais — montanhas e rios). Estima-se que dois terços do total estejam em ruínas.

Pequim, a capital política que visitei, era muito poluída e continua, ainda hoje, campeã em emissões de CO<sup>2</sup>. A China responde, hoje, por 28% do CO<sup>2</sup> emi-



China: pórticos remetem à cultura e a antigas dinastias

Em 20 anos, a China mudou muito. Com uma população de 1,411 bilhão de habitantes (censo de 2020) viu a faixa dos idosos aumentar em 70 milhões desde o censo de 2010.

tido no mundo, mas promete zerar o carbono até 2060.

Em 20 anos, a China mudou muito. Com uma população de 1,411 bilhão de habitantes (censo de 2020) viu a faixa dos idosos aumentar em 70 milhões desde o censo de 2010. Apenas 1,3 filho por mulher significa processo de envelhecimento. Já atingiu o pico populacional que estava previsto para 2027. Mas, em 2020, os nascimentos caíram ao menor nível desde a fundação da China comunista. Os estrangeiros vivendo na China são 845 mil.

Hoje, na China, 17,95% da população tem até 14 anos; 18,7% são idosos; e 63,35% têm idade entre 15 e

59 anos. A população urbana aumentou 14 pontos percentuais atingindo 63,89%. A chamada população flutuante (migrantes internos) — pessoas de zonas rurais que trabalham nas cidades — chega a 376 milhões (alta de 70% em uma década). Mesmo em tempos de pandemia o PIB da China cresceu 18,3% no 1º trimestre de 2021 em relação ao mesmo período de 2020. Em 2021, o PC chinês completou 100 anos e celebra a ascensão de 850 milhões de carentes para a classe média em quatro décadas. Por outro lado, cessam os sonhos democráticos em Hong Kong e a vigilância digital é amplamente utilizada no país.

O giro que me levou à China (Pequim e região da Muralha) teve a duração de todo o mês de junho de 2001. Iniciou com o congresso em Hong Kong, seguiu com estadas na Índia: Nova Delhi e Agra — onde está o mausoléu Taj Mahal (junto ao rio Yamuna, afluente do Ganjes), no estado de Uttar Pradesh, e, no estado do Punjab, Amritsar, onde se encontra o Templo Dourado, sempre ciceroneado por capuchinhos de Nova Delhi. A viagem terminou na Tailândia (Bangkok, Phuket e ilhas na Bahia de Phang Nga), com retorno, via Tóquio e Nova Iorque. ■

# LIVROS VALIOSOS DO SÉCULO XVI



## Décio Osmar Bombassaro

Jornalista, Licenciado em Letras e Mestre em Filosofia.

O que é um museu? É o lugar destinado ao estudo, e, principalmente, à reunião de objetos de arte, cultura, ciências naturais, etnologia, história. Há museus que se destinam a documentar as conquistas da ciência e da tecnologia. Há museus de Belas-Artes, com obras de pintura, escultura e gravura, museus históricos, onde estão expostos a arte referente à história e que compõem uma série de fatos.

O Museu dos Capuchinhos, em Caxias do Sul, foi inaugurado em 6 de dezembro de 2000, tendo participado, anualmente, no mês de maio, dos eventos alusivos à data nacional dos museus do Brasil. Dirigido por Frei Celso Bordignon, Doutor em Arqueologia Paleocristã (estudo e conhecimento do cristianismo na Antiguidade e na Idade Média), o Museu tem como missão preservar a história e a memória dos Capuchinhos no Rio Grande do Sul, assim como as memórias individuais dos frades.

Conforme relato do Frei Vanildo Luiz Zugno, no dia 2 de janeiro de 1896, três frades saboianos (originários da Província de Sabóia, região do Sudoeste da França, na fronteira com a Itália), partiram do porto francês de Bordeaux. Eram os freis Rafael de la Roche, Bruno de Gillonnay e Léon de Montsapey. Seu destino: Brasil. Sua missão: estabelecer a presença Capuchinha no Rio Grande do Sul. Não aceitando permanecer em Porto Alegre, Torres e Alegrete, preferiram o então vilarejo de Garibaldi, denominado de Conde d'Eu.

De sua parte, Frei Rovílio Costa assinala, ao traçar uma biografia de Frei Bruno de Gillonnay, que ele trabalhou em cinco frentes principais: implantação da Ordem Capuchinha, trazendo os cursos de Filosofia e Teologia do Líbano; atendimento à proposta missionária da Igreja Local, com missionários volantes, à área de colonização italiana; atuação na formação de clero, assumindo o seminário Diocesano de Porto Alegre; promoção da instrução e educação, agendando a vinda de religiosos e religiosas franceses; a formação geral e informação da população, através da comunicação escrita.

Frei Bruno de Gillonnay – ainda de acordo com Frei Rovílio Costa –, pregou missões em toda a região povoada por imigrantes italianos. Fundou a Escola Seráfica em Garibaldi (1898), para acolher vocações nativas, o Noviciado Capuchinho em Flores da Cunha, o Seminário em Veranópolis, a Casa da Ordem em Vacaria. Em todos esses locais havia bibliotecas, com obras trazidas da Europa.

Então, após esta exposição preliminar é preciso adotar a digressão, que é o desvio de rumo num assunto introdutório para uma matéria que evoca para si o assunto principal, determinado pelo título desta dissertação: **Livros Valiosos do Século XVI**. Três dessas obras encontram-se no Museu dos Capuchinhos do Rio Grande do Sul. Quando os conventos e seminários foram fechados pela Ordem, os livros existentes, com grande dificuldade, foram preservados.

Os livros citados são de Aristóteles, traduzidos para o latim, o que era comum na época. Os comentários sobre as três obras são de responsabilidade do teólogo alemão, Philipp Schwarzerd, dito Melancton, amigo de Lutero e um dos líderes do protestantismo. As obras, de conteúdo filosófico, foram impressas pela "oficina" (tipografia) de Ioan (provavelmente Johan) Opirini, cidade e data Basileia, Suíça, 1548.

Consta que Aristóteles teria escrito cerca de 400 livros, todavia, muitos foram perdidos, o que não invalida a produção enciclopédica do Estagirita. Chamado de pai da Lógica, foi o que ensinou a todos que vieram depois dele a pensar com clareza. Foi o funda-

ACERVO MUSCAP



Página de rosto do exemplar *Opera Omnia* volume 1.

dor da Biologia, o organizador da Psicologia: mostrou como estudar a alma. Foi mestre da Moral, professor de Política, ensinando aos governantes a administrarem com justiça, dando origem à Retórica.

Para entender a presença do Latim na Europa do século XVI é necessário acompanhar o relato do historiador francês Roland Mousnier. Ele afirma que a língua latina recebeu extraordinário impulso à época renascentista. O renascimento é um prodigioso florescer da vida – explica –, em todas as formas que, embora as suas maiores manifestações se tenham verificado de 1490 a 1560, não ficou delimitado dentro desses marcos.

Mousnier destaca que o Renascimento propiciou o desenvolvimento da burguesia capitalista e da monarquia absoluta. O homem desse tempo é um tipo no

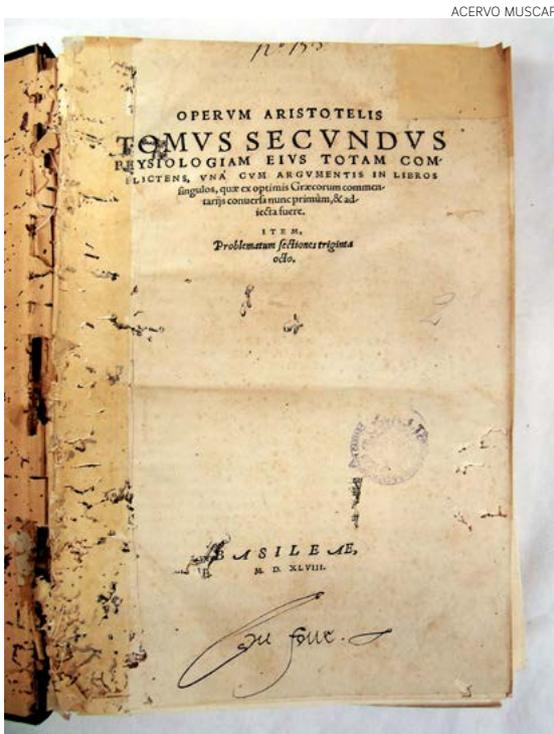
Para entender a presença do Latim na Europa do século XVI é necessário acompanhar o relato do historiador francês Roland Mousnier. Ele afirma que a língua latina recebeu extraordinário impulso à época renascentista.

qual fervilha uma poderosa vida animal e cujos sentidos palpitam. O seu ideal é a paixão pelas letras e artes antigas, desenvolvendo o humanismo, alias, já corrente no fim do período medieval. Os humanistas exprimiam-se através de uma valiosa literatura em latim.

As línguas nacionais naquela época, passavam ainda frequentemente por impróprias à expressão de pensamentos delicados ou profundos. A primeira honra para um humanista era confiar o seu pensamento a belas frases latinas – continua o historiador francês. Os humanistas encontravam tal imagem em Cícero, político e orador latino. Levou a eloquência latina ao apogeu com os seus discursos. O estilo de suas orações serviu de modelo a toda a retórica latina.

Os humanistas restauraram a leitura, a explicação e a imitação dos poetas, historiadores e oradores da Antiguidade. Portanto, os antigos tornaram-se a base do ensino, que era todo feito em latim. Em meados do século XVI, a primeira “officina” (tipografia) realizava, na Mogúncia, a publicação de obras religiosas, clássicas e humanistas. Na segunda década do século, todos os principais autores latinos tinham sido publicados na Alemanha, pois grande foi a relação de manuais de ensino e de tratados de educação.

E essa lista cresceu constantemente com a publicação de temas relacionados à filosofia, poesia retórica, moral política, biologia e psicologia. Os dados históricos informam que Johannes Gensfleisch, dito Gutenberg, descobriu a tipografia ou composi-



Página de rosto do exemplar *Opera Omnia* volume 2.

ção por caracteres móveis em metal em 1440. Oito anos depois, associado à Fust, imprimiu a célebre bíblia de quarenta e duas linhas. Por longo período foi considerado como o inventor do processo.

Entretanto, milhares de anos antes, os antigos chineses tinham adotado um sistema de impressão manual com blocos de madeira. Na Holanda, Lauren Janszoren, dito Coster, desde 1423 já praticava a composição de caracteres móveis. E, na Inglaterra, em 1477, William Caxton, imprimiu o primeiro livro. Observa-se que os três livros das obras de Aristóteles foram impressos em Basileia, em 1548, depois de 100 anos da impressão da Bíblia.

Para Luís Alberto De Boni, deve ter parecido estranho para o individualismo iluminista, que permeia a civilização Ocidental, o fato de que Aristóteles coloca o indivíduo em função do Estado, como se pode constatar na passagem da Ética para a Política. De Boni, comentando o Estagirita, assinala a afirmação de que na polis, na cidade, é que o indivíduo se realiza e ele existe para ela.

E como o filósofo grego inicia a Metafísica. Dizendo que “por natureza todo homem deseja conhecer”, do mesmo modo assegura na Política que “o homem é, por natureza, um animal político”. Com

isso – continua De Boni –, Aristóteles quer deixar claro que fora da cidade não se realiza o que vive fora dela, pois vive-se na cidade não apenas para viver, mas para se viver bem e a felicidade que nela se procura é tanto da sociedade como a do indivíduo.

Assim, pode-se aquilatar o imenso valor dos três vetustos livros de obras aristotélicas, impressos em Basileia no século XVI. Eles surgem no primeiro centenário da invenção da imprensa, elaborados com capa de couro e revestimento em papel. As lombadas também são em couro, com douramentos. O cabeceado utiliza tecido. E esses três livros jazem no Museu dos Capuchinhos, aguardando a sua restauração.

E suas formas não constituem mais rolos de papíros ou rolos de peles de animais. As “oficinas” europeias elaboram livros com papel, que se duplicam nas bibliotecas com as prodigiosas produções da Antiguidade. É o que leva a Antoine Saint-Exupéry a exclamar: “Esse cheiro de velha biblioteca que vale todos os perfumes do mundo”. Já não são mais as bibliotecas dos copistas ou a biblioteca existente na Abadia do Nome da Rosa.

**Operae pretium est** ■

## REFERÊNCIAS

COSTA, Rovílio. Biografia de Frei Bruno de Gillonnay. In: A igreja e os Capuchinhos do Rio Grande do Sul. Correspondências (1895-1909). Porto Alegre: EST Edições, 2007.

DE BONI, L. A. A entrada de Aristóteles no Ocidente Medieval. Porto Alegre: EST Edições, 2010.

GILLONNAY, Bruno. A igreja e os Capuchinhos do Rio Grande do Sul 1895 - 1909. Porto Alegre: EST Edições, 2007.

KOOGAN, Abrahão (Diretor). Dicionário Enciclopédico Koogan, Larousse, Seleções. Volume 2. Nomes próprios. Rio de Janeiro: Editora Larousse do Brasil, 1978.

MOUSNIER, Roland. História geral das civilizações. Volume 1. Séculos XVI-XVII. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1960.

THOMAS, Henry. As maravilhas do conhecimento humano. Volume 1. Porto Alegre: Editora Globo.

# FORMAÇÃO E GESTÃO DE COLEÇÕES BIBLIOGRÁFICAS ESPECIAIS

Por Susiele Alves Ramos

Historiadora

Com o objetivo de incentivar a difusão do conhecimento, que atualmente se torna cada vez mais necessária e importante, o Museu dos Capuchinhos organiza anualmente um calendário de cursos de formação em diversas áreas.

Durante o período de 08 de março a 05 de abril, foi ministrado pela bibliotecária Ana Virginia Pinheiro, na modalidade *on-line*, o curso “Livro raro: formação e gestão de coleções bibliográficas especiais”.

Ana Virginia é professora adjunta da Escola de Biblioteconomia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO, desde 1987. Atuou na Fundação Biblioteca Nacional (1982-2020), durante 16 anos foi Chefe e Curadora da Divisão de Obras Raras. Desde 1982 atua na área de livros raros, desenvolve, publica e compartilha estudos sobre Formação e Gestão de Coleções Bibliográficas Especiais, Raridade Bibliográfica e Biblioteconomia de Livros Raros, com ênfase na catalogação e na avaliação intelectual e patrimonial de livros e bibliotecas.

Os objetivos do curso foram incentivar a atitude responsável de curadores e pesquisadores de coleções bibliográficas especiais, em favor da produção de re-

Livro-miniatura, edição liliput ou edição diamante.



FRANCINE DÉCIO FINATO

ACERVO MUSCAP



Livro com corte manuscrito, revela a prática de guarda do item em escaninhos, mergulhado num vão de parede, deixando o corte exposto.

gistros do conhecimento, da memória e difusão do conhecimento e subsidiar a formação e gestão de coleções bibliográficas especiais, fundamentadas na salvaguarda e na garantia de acesso.

A formação foi aberta a comunidade em geral e aos profissionais que atuam no museu, contribuindo para a qualificação das atividades desenvolvidas na Coleção de Obras Raras e Especiais. Teve duração total de 18 horas e participação de 42 inscritos, em sua maioria bibliotecários (as) e estudantes de Biblioteconomia, de diversas cidades do RS e de outros estados do Brasil, como SC, SP, RJ, MG, PA e DF.

Uma das alunas do curso, Aline Gonçalves da Silva, bibliotecária na Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) afirma a importância da realização da formação. “Sou formada há 16 anos e sinto necessidade de relembrar e aprender sobre a profissão, continuamente. Trabalhei numa biblioteca escolar no atendimento e quando cheguei na Fiocruz encontrei um acervo com diversas coleções. É preciso aprofundar nosso conhecimento sobre acervos raros para tomar decisões pertinentes e responsáveis.”

O Museu dos Capuchinhos agradece aos participantes e apoiadores, em especial ao CRB10 - Conselho Regional de Biblioteconomia 10ª região, Associação Rio-Grandense de Bibliotecários e a coordenação do Curso de Biblioteconomia da Universidade de Caxias do Sul que contribuíram com a divulgação do curso. ■

# [DES]CONSTRUINDO TRAÇOS

## EXISTÊNCIA E EXPERIÊNCIA ARTÍSTICAS COM SKETCHES NAS CASAS LARES EM CAXIAS DO SUL

Por Christian de Lima

Historiador

O ser humano, ao desenhar, tem a possibilidade de se expressar. A arte é a técnica que junto aos sentimentos das coisas humanas, divinas e profanas, cria a realidade daqueles que a produzem. Cria o direito de ser original, de ser livre, de produzir fantasias e eternidade. A arte é longa, é contemplação. John Ruskin, desenhista e teórico de arte e conservação, descreveu: “Arte perfeita é aquela em que a mão, a cabeça e o coração trabalham unidos”.

A arte deve ser acessível e interdisciplinar. Pode caminhar com outras linguagens e cultivar sorrisos nos olhos dos que o envolvem. O MusCap confia esse pensamento a sua missão institucional, realizando projetos para levar arte, história e educação patrimonial para espaços não museológicos, abrangendo o “não público” frequentador da instituição. Em meio ao período pandêmico decorrente do novo COVID-19, o museu, assim como outras instituições, necessitou buscar novos caminhos para repensar e reorganizar suas ações e dar continuidade aos trabalhos realizados nos últimos anos. Entre lives, visitas remotas, exposições virtuais, e tantas outras atividades, o museu participou de editais culturais que ofertaram subsídios para o incentivo de trabalhos na área patrimonial e artística, e assim surgiu o projeto *Sketches – Desenhando a história*.

Desenhar deste modo parece algo impossível e com intenso compromisso com a veracidade da história. E de certo modo é. Mas aqui, muito mais que narrá-la de modo oficial, o maior propósito é de reverberar estes conhecimentos para crianças e jovens residentes em casas lares de Caxias do Sul. É levar fragmentos da história da cidade e dos espaços retratados para dentro destas casas e ter a oportunidade de tecer uma conexão entre pessoas e espaços. As edificações históricas culturais exibidas são: Museu Municipal Maria Clary Frigeri Horn; Museu Ambiência Casa de Pedra; Casa Bedin; Palacete Eberle; Monumento Nacional ao

MARCELO CASAGRANDE



Imigrante; Réplicas de Caxias do Sul de 1885; Maesa e a Estação Férrea, apresentadas de forma remota pela Professora Dra. Luiza Horn Iotti.

A parte prática foi conduzida pelo fotógrafo, desenhista e historiador João Mendes Neto, que além de auxiliar os participantes na confecção dos seus próprios sketchbooks — cadernos de suporte para os desenhos —, orientou as crianças e adolescentes na criação de suas ilustrações. Com as imagens projetadas exibindo as construções, seus estilos, cores e minúcias, as crianças traçaram com formas soltas e sem cobranças as exterioridades destes locais que adornam a cidade.

Todo este projeto alcançou de forma sensível e com estima o coração dos envolvidos. O resultado está materializado em uma publicação do Museu dos Capuchinhos, com mais de vinte desenhos produzido pelos jovens, textos e ilustrações sobre o que são Sketches e descrevendo os locais apresentados. O catálogo será distribuído de forma gratuita para todos os interessados, com a certeza de que a história, a educação e a arte são lugares seguros e multiplicadores de força, esperança e transformação de posturas.

O projeto foi executado através do Edital Criação e Formação Diversidade das Culturas, realizado com recursos da Lei Aldir Blanc nº 14.017/20. ■

# PROJETO JOVEM APRENDIZ

**Por Susiele Alves Ramos**

Historiadora

O MusCap, em parceria com a LEFAN – Legião Franciscana de Assistência aos Necessitados, recebeu oito jovens: Camila da Silva, Henry Souza, Júlia Borges, Kauã Melo, Leanderson Eusebio, Rayssa Varela, Robson da Silva e Théo da Silva, com idade entre 14 e 17 anos, atendidos pelo Projeto Jovem Aprendiz. A proposta do projeto é oportunizar aos adolescentes em situação de vulnerabilidade e risco social a formação e a inserção profissional, aliando o conteúdo teórico com a vivência profissional.

Entre julho e novembro de 2021, os jovens desenvolveram atividades no Programa de Acervos do MusCap: produção de fotografias de acervos; elaboração de inventário de livros e documentos; higienização e acondicionamento de livros, documentos, fotografias e acervos têxteis; digitalização de documentos e fotografias. Foram coordenados e orientados pela historiadora Susiele Alves Ramos, que atua na gestão de acervos.

Os adolescentes iniciaram as atividades com uma integração, conhecendo o histórico, o acervo e a missão do museu. E ainda, a história dos Frades Menores Capuchinhos no Rio Grande do Sul.

Além da aprendizagem e das atividades foram criadas estratégias ao longo dos meses para levar à refle-

xão de como o museu está inserido na comunidade e que eles são pertencentes a esta comunidade.

Os jovens realizaram aulas teóricas e práticas com o diretor do museu, Frei Celso Bordignon, doutor em Arqueologia Paleocristã/PIAC – Roma. Foram abordadas noções de História, Arte e história do papel; exercícios de desenho e pintura; noções de conservação e restauro de documentos que utilizam o papel como suporte; noções de conservação e encadernação de livros.

O MusCap priorizou ser um espaço de democratização do acesso ao conhecimento e acolhedor para os jovens e, de acordo com a fala deles, isso foi possível. Robson relata que “uma das tarefas que mais gosto é a identificação dos autores dos livros. Gosto também do trabalho em equipe e do fato de todos sempre estarem dispostos a ajudar”. Júlia disse “gosto muito dos acervos, a cada dia eu aprendo um pouco mais. Também gosto muito dos meus colegas de trabalho, pois sempre me trataram bem e foram bondosos comigo”.

Os resultados desta parceria foram muito positivos, tanto para o museu como para os jovens que tiveram a oportunidade de conhecer, desenvolver atividades e encontrar no museu um possível local de atuação profissional. A coordenadora do Programa Jovem Aprendiz, Analice Marchetto de Souza destaca a importância dos jovens atuarem em um espaço cultural “é importante o jovem ter contato com o contexto histórico e cultural. Foi oportunizada uma experiência de atividade nova dentro do seu processo de primeiro emprego. Atividade que vai além do manual. Faz pensar, algo que os jovens têm dificuldades neste tempo”, enfatiza a coordenadora. ■



Jovens durante a realização de ação educativa sendo orientados pela historiadora Susiele Alves Ramos.

# CATÁLOGO CELEBRA OS 20 ANOS DO MUSCAP

**Por Vera Damian**

Jornalista

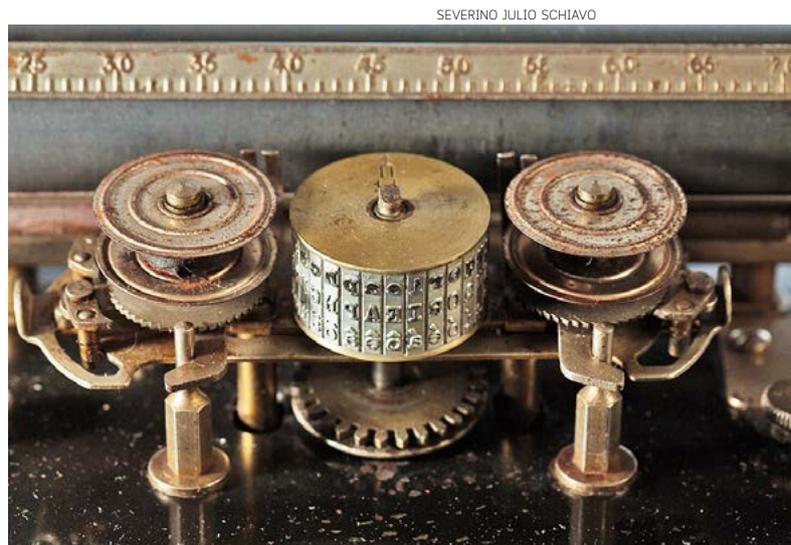
Desde que foi aberto ao público em 6 de dezembro de 2000, o Museu dos Capuchinhos vem se dedicando à guarda e preservação de acervos, pesquisa e difusão da história da Ordem dos Freis Capuchinhos do RS.

O MusCap conta hoje com aproximadamente 26 mil livros (entre os quais uma bíblia de 1599), 15 mil objetos (pinturas, esculturas, mobiliários, instrumentos musicais, objetos litúrgicos, indumentárias e outros), 100 mil documentos, 85 mil fotografias e uma coleção de obras raras e especiais do século XVI até o século XX, como livros em papel de trapo (feito em tecido e outros materiais orgânicos), encadernados em couro e pergaminho, entre outras.

Além da preservação dos acervos, o MusCap realiza pesquisa e difusão do que se refere à presença dos Capuchinhos no Rio Grande do Sul. “Os Freis fizeram muito pela população gaúcha no campo espiritual, mas também nos aspectos humanos, social e cultural. Foram grandes incentivadores de organizações comunitárias, do cooperativismo e da própria geração de energia elétrica. Os Capuchinhos foram construtores de uma parte da história gaúcha. Essa memória não deve se perder”, observa o diretor do MusCap, Frei Celso Bordignon. Segundo ele, o Museu já está com falta de espaço físico e virtual. Grande parte do acervo ainda necessita de processamento técnico, documentação e aguarda apoio financeiro para isso.

Desde sua abertura, o MusCap vem promovendo ações para tornar o Museu uma estrutura viva e dinâmica na comunidade, realizando exposições variadas, projetos educacionais, cursos de arte e de educação patrimonial.

“Um museu nunca está pronto. Está sempre se recriando e se reinventando. No Brasil a cultura de visitação de museus ainda é recente. Aqui no MusCap priorizamos ações que envolvam a comu-



SEVERINO JULIO SCHIAVO

Máquina de escrever utilizada pelos freis no início do século XX.

nidade e suas manifestações culturais, pois museu sem interação do público perde a sua razão de existir”, observa o diretor do MusCap.

## *Guardião da memória dos Capuchinhos*

O lançamento do catálogo *MusCap 20 Anos – Acervos e Memória* coincide com as comemorações dos 125 anos da vinda dos Capuchinhos ao Rio Grande do Sul. O Ministro Provincial dos Freis Capuchinhos do Rio Grande do Sul, Frei Nilmar Carlos Gatto, destacou a importância do MusCap para tornar viva essa história. “O Museu é um espaço para manter vivo esse legado de pessoas que foram grandes construtores de uma sociedade mais fraterna. O Museu torna-se espaço para a conservação dos valores físicos, mas também afetivos e sociais, e permite que outras pessoas tenham conhecimento desse legado. O contato direto com o acervo faz perceber a importância desse trabalho bem feito no passado, gerador de um legado para um presente positivo e para um futuro com mais esperança”, define o Ministro Provincial.

A publicação do catálogo contou com financiamento da Lei Municipal de Incentivo à Cultura (LIC) e apoio cultural das Empresas Randon S.A., Instituto Elisabetha Randon, Racon Consórcios, Vanin – Soluções em Movimentações de Cargas e Materiais e Paris Administração e Participações Ltda. Produção Cultural de Claudio Troian. ■

Devido à pandemia, o lançamento do catálogo MusCap 20 Anos – Acervos e Memória foi em formato online no dia 27 de maio, com a participação do diretor do MusCap, Celso Bordignon, do Ministro Provincial dos Freis Capuchinhos do Rio Grande do Sul, Frei Nilmar Carlos Gatto, da museóloga Raquel Brambilla, e do responsável pelo setor educativo e de fomento, Christian de Lima. A live ainda pode ser acessada no endereço: <https://www.facebook.com/museucapuchinhos/videos/3805806662880281>

Para adquirir o catálogo, contate o MusCap pelo fone (54) 3220-9565 ou WhatsApp (54) 99681-7733.



Capa do catálogo comemorativo.

## SEMANA NACIONAL DE MUSEUS

**Por Susiele Alves Ramos**

Historiadora

A 19ª Semana Nacional de Museus ocorreu entre 17 e 23 de maio de 2021. O tema desta edição “O futuro dos museus: recuperar e reimaginar”, proposto pelo ICOM – *International Council of Museums* – para a comemoração do Dia Internacional de Museus teve a finalidade de fomentar discussões do campo museal e nortear os eventos propostos pelas instituições participantes.

O Museu dos Capuchinhos em parceria com o AMARP, Acervo Municipal de Artes Plásticas de Caxias do Sul/RS, promoveram no dia 19 de maio a palestra *on-line* Diálogos: “O papel de profissionais técnicos nos nossos museus e acervos”. Com o objetivo de refletir sobre a importância da profissionalização das equipes que atuam nos espaços museais.

A fala foi conduzida pela coordenadora da Unidade de Artes Visuais da Secretaria Municipal da Cultura de Caxias do Sul/RS, Mona Carvalho, pelo diretor do MusCap Frei Celso Bordignon, a museóloga Raquel Bram-

billa, o historiador Christian de Lima e o museólogo convidado Maurício Rafael.

“Considerando a definição atual direcionada aos museus, enquanto instituições sem finalidade lucrativa, a serviço da sociedade e seu desenvolvimento, é fundamental compreender que as mesmas devem estar comprometidas com causas sociais contemporâneas. Para tanto, é necessária a instrumentalização dos seus profissionais, aos quais considero ‘trabalhadores sociais’ (usurpando o termo cunhado por Paulo Freire) atuantes nesses espaços e, por fim, a composição de uma equipe interdisciplinar – que vise o atendimento dos preceitos básicos e esperados para esses equipamentos e, conseqüentemente, a tomada de consciência crítica de seu público”, destaca Maurício Rafael, Assessor Técnico de Diretoria do IDBrasil, organização social que gerencia o Museu do Futebol e o Museu da Língua Portuguesa.

Conforme o Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) ao todo 660 museus e mais de 1700 atividades foram oferecidas em todo o Brasil, com a proposta de reflexão sobre o futuro dos museus levando em conta o compromisso criativo com o presente, não apenas os museus, mas suas coleções, suas práticas e performances que trazem, estimulam e projetam narrativas (IBRAM, 2021). ■

# COLEÇÃO SALA DAS MALAS

**Por Susiele Alves Ramos**

Historiadora

O Museu dos Capuchinhos do Rio Grande do Sul (MusCap) tem como missão preservar e comunicar as memórias que contam a história da presença capuchinha no Rio Grande do Sul e as particularidades que tornam especial cada frade capuchinho. Possui acervos bibliográficos, documentais e museológicos.

Entre os acervos museológicos, uma das coleções que mais desperta interesse e curiosidade dos visitantes é a coleção Sala das Malas. Formada por malas e objetos pessoais que preservam as memórias individuais de dezenas de frades capuchinhos da Província Sagrado Coração de Jesus, até mesmo de alguns frades franceses que chegaram para a missão no Rio Grande do Sul a partir de 1896.

Entre os objetos mais comuns presentes nas malas estão o hábito, as sandálias, o terço e os livros de oração. Os demais objetos são guardados de acordo com a história de vida de cada frade, entre eles: instrumentos para confecção de terços; instrumentos musicais; utensílios de pesca; instrumentos para confecção do hábito como moldes, peça de tecido, linhas, dedal e giz; e suvenires trazidos de lugares por onde passaram ou atuaram como missionários.

A coleção segundo frei Moacir P. Molon é “um

Mala e acervos de Frei Daniel Vian.



MOACIR P. MOLON

acervo que representa a continuidade cultural, um elo entre o passado e o presente e uma ponte com o futuro. Em razão de funções exercidas pude contribuir com vários itens dessa coleção, todos resgatados de confrades já falecidos, mas também de alguns ainda vivos. São ângulos da trajetória pessoal de frades que ganham permanência, mas o resultado é a construção da caminhada de toda uma instituição”.

## *Histórico e formação da coleção*

A coleção começou a ser formada antes da criação do MusCap, em 1980. Conforme frei Moacir P. Molon, em 1982, as malas e objetos pertencentes a alguns frades falecidos até aquela data, estavam guardados em um depósito na Casa Provincial dos Capuchinhos, em Caxias do Sul. Em visita ao arquivo, por ocasião dos preparativos para a elaboração da edição especial comemorativa aos 75 anos do Jornal Correio Riograndense, que foi publicada em 1984, frei Moacir soube da existência desse acervo.

Posteriormente as malas e objetos foram entregues ao museu, não sendo possível resgatar a data precisa da doação, que ocorreu, após o ano de 2000, data de abertura do museu ao público, em Caxias do Sul.

Em outubro de 2004, foi organizada uma sala denominada como “depósito de acervos”, com o objetivo de reunir e fazer a guarda das malas e objetos neste novo espaço. Além das malas, outros acervos como quadros e caixas com documentos e fotografias, que eram recebidos foram ali acondicionados para posteriormente serem encaminhados ao processamento técnico. Como havia uma grande quantidade de malas neste local, o espaço passou a ser chamado pelos funcionários do MusCap de sala das malas, este é o motivo pelo qual a coleção foi denominada Sala das Malas.

Segundo frei Celso Bordignon, diretor do museu, as malas e acervos guardados dos frades falecidos eram o que, após o falecimento restavam dos pertences de cada um. Ou seja, o que não tinha utilidade entre outros frades ou nos conventos era destinado ao museu.

A coleção foi institucionalizada somente no ano de 2012. Quando foi adotada a política para a guarda dos pertences individuais dos frades em conjunto com a Província. Cada vez que um frei morre um responsável é designado para realizar a coleta dos pertences, em muitas ocasiões o responsável é frei Celso juntamente com a equipe do museu.

Não só os pertences dos frades falecidos são rece-



ACERVO MUSCAP

Limpeza mecânica da mala do Frei Donato Pegoraro, foi utilizada pelo Frei Donato após a sua Ordenação Sacerdotal em 11 de dezembro de 1955 e doada ao museu em 10 de maio de 2021.

bidos no museu. Os frades podem e doam em vida os seus acervos pessoais. Quando a doação é realizada pelo frei que possui os objetos é possível saber de que maneira e qual é a representatividade de cada item para a sua trajetória. Os frades explicam a importância daquela doação na história deles, do que muitas vezes pode parecer um simples objeto.

Frei Moacir é um de muitos frades que já realizaram a doação de acervos pessoais. “Nas últimas décadas tive oportunidade de encaminhar ao MusCap dezenas de itens ligados à caminhada dos Capuchinhos do RS e, também, do franciscanismo em geral. Até que, em 2017, o MusCap acolheu meu acervo pessoal, construído ao longo de mais de 40 anos. Foram mais de 500 itens, agora higienizados e acondicionados, que ainda esperam completar a identificação. Muitos deles já integraram mostras levadas a público pelo MusCap”.

Também é recorrente chegar ao MusCap, por meio de doação, objetos que foram utilizados por diversos frades, peças que são passadas de um para outro, em vida ou após o falecimento.

### Conservação da coleção

Em 2012, após o museu passar por uma reestruturação museológica, foi definido como prioridade entre as atividades, a realização do processamento técnico dos acervos que estavam guardados na sala das malas. Os trabalhos foram iniciados pelos documentos e fotografias, e, somente em abril de 2014 foi iniciada a organização das malas e acervos pessoais dos frades.

As atividades desenvolvidas foram: avaliação e se-

leção dos acervos de acordo com a política de aquisição e seleção; o registro em recibo de doação com a listagem de cada mala e acervos, incluindo as seguintes informações quando presentes nas etiquetas de identificação: data de entrada no museu, doador, procedência e histórico; limpeza mecânica de cada objeto; registro fotográfico; elaboração de inventário com descrição dos acervos; identificação; acondicionamento; e guarda em estantes de aço na Reserva Técnica.

Entre as ações de preservação realizadas no MusCap, estão as ações de conservação preventiva. A higienização periódica dos itens é realizada de maneira regular, de acordo com os recursos disponíveis e possibilidades da instituição.

De acordo, com a necessidade da realização da higienização periódica, em 2020 foi iniciada ações de conservação da Coleção Sala das Malas, porém de maneira mais criteriosa, além da limpeza mecânica está sendo realizada a higienização química dos acervos, após a avaliação e análise individual.

Os trabalhos estão sendo orientados pelas funcionárias do MusCap, Chanaísa Melo, conservadora restauradora e Susiele Alves Ramos, responsável pela gestão de acervos e sendo desenvolvidos pelo funcionário Vagner Augusto Pedri.

A importância da preservação desta coleção está relacionada diretamente com a preservação da memória dos frades que integram a Província dos Capuchinhos do RS, segundo Frei Celso “as malas são objetos que nos acompanham em nossas viagens e peregrinações. Carregam consigo memórias e marcas do tempo. Os seus conteúdos remetem àqueles que as utilizaram. É por isto que preservamos e conservamos a memória individual de cada frei nas malas que eles utilizaram no decorrer de suas vidas. Dentro destas estão os objetos, fotos e coisas que eles mais utilizaram e com as quais tinham uma forte relação afetiva”. ■



MOACIR P. MOLON

Mala de Frei Marciano Agostini.



**MusCap**  
**Museu dos Capuchinhos**  
Rua General Mallet 33A  
Rio Branco | Caxias do Sul/RS  
(54) 3220 9565  
(54) 99681 7733  
[instagram.com/muscapr](https://www.instagram.com/muscapr)  
[facebook.com/museucapuchinhos](https://www.facebook.com/museucapuchinhos)

**PATROCINADOR**



Projeto vencedor do 10º Prêmio  
Ibermuseus de Educação